

Casos do Romualdo, de João Simões Lopes Neto

Fonte:

LOPES NETO, J. Simões. **Casos do Romualdo**. Porto Alegre : Martins Livreiro, 2000.

INTRODUÇÃO

Leitor!

Entendamo-nos desde já:

E' possível (o autor ignora-o), que haja coletânea semelhante, anterior, nacional; se existe, para melhor bem, que supere a atual no conteúdo e na forma!

Em assunto de populdrío (folk-lore diz-se, elegantemente, nas altas letras...), o registro comporta o pueril do conto, o esborcinado do dizer e a ingenuidade do ouvinte.

O merecimento deste livro subsiste na paciência com que foi ele coligido; falta-lhe relevância artística, é certo; fora porém crueza destroçá-lo por esse pecado.

Destinado à leitura entre golpes de cousas sérias, aos homens graves entediárá; pois - e lhes não admirá mal, por isso-, demo-lo então aos frívolos e, destes, aos mais elevados: às crianças.

Patranhas por patranhas... que se não diga que até nisso falta-nos prata em casa!... Fica entendido, pois não?

I - O PRIMEIRO CASO

Certa hora de pleno dezembro, por véspera do Natal, estava eu desassossegadamente abanando os mosquitos, quando, por mão de alto e grave sujeito, chegou-me um pacote, atado em cruz por cadarço listado; farta placa de lacre fechava a laçada do atilho, nem endereço nem sinete.

- Mandam-lhe!

Assim disse e logo saiu o imperturbado bípede.

Fiz - há! - solertemente e estendi a mão, tomando o volume, trégua foi para os mosquitos, que apertaram as evoluções e o zumbir.

Mas logo, mirado o pacote e o seu anonimato, despontou a dúvida, o receio, a inconveniência de um engano, uma troca...

Verificar, lógico, o verificar impunha-se.

- Oh! senhor?!... clamei.

O senhor sumira-se; nem sombra dele nem rastro; dobrara a esquina..., sumira-se, era o certo.

Pois...

Se fora a desfiar ponderações sobre a interrogante - e muda - expectativa, não bastaria a hora, aquela, de pleno dezembro, por véspera do Natal, etc. etc.

Fui-me ao laçarote: o lacre o impediu de correr, quebrei o lacre e ainda o laçarote não correu...

Cortei-o!

Sublime lance! Recordei o de Alexandre, o magno, perante o nó górdio...

Enquanto isso, os mosquitos revigoraram o ataque. Olhei-os com furor, à nuvem oscilante com ódio! E abanei, abanei-os em acelerado, com o próprio sobredito pacote. Súbito, passei de irado para pacífico; estaquei, e, num sorriso arguto, soprei ao ignoto:

- E - isto - se é uma broma?...

E sopesei o... problema: leve.

Apalpei-o: brando.
Olfatei-o: inodoro. Inodoro, bem, não. algo de lacre e de cadarço novo...
Apus-lhe o ouvido: mudo. Figura geométrica: ladrilho. Comentário de estética: papel de embrulho, amarelo, pingentes de cadarço; escamas de cera com breu e ocre.
Lamentável!
Âmbito de conjetura: tudo.
Ímpeto de curiosidade: abre!
Conselho de prudência: vê lá!
O livre arbítrio: ora!...
E sem mais tardança esventrei o calhamaço. Era um robusto caderno salpintado de muito porém legibilíssimo bastardinho da mão inteligente de um Padre vigário, arquivista alegre nas horas vagas, e que na primeira página, com sutil e perita malícia, tracejara o título:

CASOS DO ROMUALDO

Subsídios para as suas esperadas memórias póstumas, caso nestas esqueça aqueles.

Ora, aqui tem o leitor o primeiro da série dos que vão, talvez fazê-lo dizer:

- Apre!...

Eu, de mim, ignoro quem foi Romualdo. Contados os seus casos na prosa chata que se vai ler, muito perdem do sabor e graça originais; guarde porém o leitor a essência da historieta e repita-a, - por sua vez: recorte-a, enfeite-a com o brilho do gesto e da dição, acrescente um ponto a cada conto..., e terá presente, imaginoso, criador, inesgotável..., serás tu próprio, leitor, o Romualdo, redivivo...

Verifique o mais incrédulo: em roda de palestra há dois temas que fornecem - sempre - matéria para assunto; histórias de cobras e de jóias perdidas.

Quando a conversa amodorrar, quando nela forem caindo retalhos de silêncio, pausas longas, frases dispersas... experimente, amigo: fale de cobras e de jóias perdidas; e, daqui por diante... nos casos do Romualdo!

II - SOU EU, O HOMEM!

É no geral sestroso e dado a pôr em dúvida o que com outrem se passa o indivíduo mal-andado por este mundo de Deus.

Que pode saber do que vai - além - o homem que nunca - daqui - moveu-se, mesmo a passo de cágado?

Por isso sou mirado, eu, Romualdo, por esses tais, com um olhar parado, dentro do qual as dúvidas galopam...

É admissível, afinal, e eu perdôo-lhes: pois se eles - nunca - viram nada! Cada um viveu como um toco plantado no terreiro... como soleira de porta... como parafuso de dobradiça!

Bastará já que tivesse vivido como galo de torre de igreja, como coleira de cachorro ou como sanguessuga de barbeiro... e já muito mais cousas teria visto, cem novidades saberia, mil sucessos poderia referir. E, melhor ainda, se vivera como realejo de minhas aventuras?... Nada, pois que nada -nunca! - viram.

Entre os segundos o negócio muda um tanto de figura: falo, mas pouco, e pouco porque ainda não seria bem compreendido. Agora, quando sou centro dos terceiros, ah! então, sim, ouvidos haja, porque língua tenho e acontecimentos sobram!

Abro o saco e conto o muitíssimo que tenho visto, as aventuras em que fui parte.

Dos meus verdadeiros - casos, posso citar inúmeras testemunhas... infelizmente quase todas mortas e as restantes morando longe; há mesmo algumas cujos nomes esqueci, mas cujas fisionomias guardo nos escaninhos da memória.

Como neste assunto não sou obrigado a reger-me pelo Código do Comércio, que exige os lançamentos por ordem de datas, irei consignando os meus depoimentos, conforme se me forem eles apresentados.

E se, apesar das minhas afirmativas, pretender alguém pôr em dúvida os meus casos, peço a esse alguém que suspenda o seu juízo. Suspenda-o e consulte-me.

De corporal, sou baixinho e gordo, ruivo e imberbe; de moral, sou calado e tagarela, violento e calmo; em tudo, homem para as ocasiões.

III - QUINTA DE SÃO ROMUALDO

Compre chácara quem quiser; eu, por mim, estou farto, e jurei nunca mais!...

Cansado de viagens e de caçadas, e desejando repousar, comprei uma bonita quinta, com muito arvoredado frutífero, boas águas, casa cômoda. Uma pechincha!

Pra não estar de balde, resolvi fazer uma plantação de abóboras, para vender as pevides, que, informaram-me, é remédio infalível para a solitária.

Cada abóbora produz mais de cento e cinquenta pevides; e bastam três destas para expelir uma solitária; cada uma destas a cinco mil-réis, eram duzentos e cinquenta mil-réis que eu apurava, só em solitárias, afora a massa das abóboras... de que eu faria goiabada.

Era ou não era negócio?...

Ora bem:

Comprei - não me lembro bem - se sete ou quinze sacos de semente, da melhor; virei as terras, encanteirei-as e semei as minhas solitárias, digo, as minhas abóboras, numa lua nova, para grelarem com força.

Pois, passado um mês... a lavoura era pura barba-de-bode!... Dura, empenachada, parecia uma plantação de vassouras de piaçava, verdes!...

Briguei, e forte, com o vendedor das sementes, que desculpou-se dizendo ter havido troca de volumes: a semente de barba-de-bode era para um armazeneiro, que vendia-a - e caro - como tempêro estrangeiro, de luxo; que o homem tinha-se dado ao diabo, quando pelo engano tinha recebido as pevides de abóbora, mas que afinal agradou-se e havia já pedido segunda remessa, para jorrar e misturar ao café, para dar-lhe mais gosto de café.

Não achei graça nenhuma à esfarrapada explicação; o que era certo é que estava com a minha lavoura perdida, inçada daquela praga.

Ensinarão-me então que para destruir barba-de-bode, para nunca mais nascer, o único remédio era... a preá.

Comecei pois a comprar preás a torto e a direito; mandei peães a todos os rumos, escrevi a amigos e conhecidos, encomendando preás.

Foi então unia chuva dos tais bichinhos, recebia-os em sacos, em gongás, em caixões, e até tocados por diante, como tropa.

Contava, pagava e soltava, logo, na lavoura.

Realmente: uma maravilha!

Ao cabo de duas semanas não havia mais um fio de barba-de-bode.

E eu, satisfeitíssimo!

Mas logo em seguida, as preás, acoçadas pela fome, deram na roça do milho e do feijão; foram-me as hortaliças, aos alegretes do jardim; treparam às laranjeiras, tudo devoraram - menos marmelos.

Uma devastação!

Refleti um momento; e para extinguir as preás, resolvi meter... gatos.

Nova trabalhadeira; vieram-me gatos de todos os tamanhos e sexos e idades, gatos mimosos - roubados - e gatos ladrões - escorraçados - e rabões, pelados e peludos, e desorelhados, queimados, gordos, sarnentos.

Foi um jorro, uma inundação de gatos, sobre a minha quinta.

Contava, pagava e soltava-os, logo, às preás.

Efetivamente, um assombro!

Em menos duma semana não havia mais uma preá, para remédio. Liquidadas. E eu, esfregando as mãos. Mas - nem tudo lembra! - os bichanos, já sem pitança, miavam que era um desespero... e quando menos eu sonhava...

Olha a gatalhada no galinheiro E não me ficou viva uma só ave, desde os pintos até os galos de rinha!

Uma calamidade!

Nem por isso dei parte de fraco; pensei, e para acabar com os gatos, resolvi soltar-lhes... cachorros!

E vá! Na estrada!

A peonada andava numa contradança, trazendo cachorros e logo voltando a buscar mais; pelas estradas só se via passarem andantes conduzindo matilhas, e trelas de até vinte cachorros. Apareceram-me perdigueiros, veadeiros, paqueiros, onceiros, rateiros, tatuzeiros; e galgos, d'água, terras-novas, crespinhos; e grandes e pequenos, brigadores, ranhentos.

Eram centos e centos de cachorros!

Contava, pagava e soltava-os logo, aos gatos!

Indiscutivelmente: um sucesso.

Em poucos dias não se acharia nem mais um único gato, um só que fosse, para salvar um condenado da forca!

E eu, assobiando, satisfeito.

Mas - é que andei precipitado... - a cachorrada sem mais gatos... gania de jeito, que só a chumbo! E como eu não tivesse mais gatos. - os cães, uma bela noite, atiraram-se às ovelhas, e com tal gana, que nem as maçarocas ficaram!

Um cataclismo!

Aí, meio que desanimei; mas depois de coçar-me forte, durante uns minutos largos pensei, e para acabar com os cachorros, resolvi contratar gringos, tocadores de realejo!...

Custou-me um pouco a organizar o batalhão: mas a notícia de que a paga era boa correu, e começaram a aparecer-me gringos, vindos até de onde o diabo perdeu as botas!...

Cachorro tem um terror doudo pelo realejo; é tocar-se um desses moinhos de música e o cão, mesmo preso na corrente, uiva, chora, apavora-se..., e não bá nada que o detenha na fuga; nem água fervendo, nem tição de fogo, nem comida, nem pau... só outro realejo, que o faça mudar de rumo!

Quando botei a gringalhada a manobrar os realejos, toda ao mesmo tempo, marchas, polcas, funerais, o miserere, o caranguejo, a *Esteia confidente*, o bitu, valsas, o solo Inglês... o maxixe quando tudo isso estrondeou nos ares... Oh! Deus do céu!...

Senhor S. Pedro!... Meu anjo da Guarda!... cachorro houve, que tão desnordeado de horror ficou, que até sobre os próprios gringos atirou-se... atirou-se..., e caiu, estrebuchando, espumando, rilhando os dentes, como danado! ...

O cachorro pegou numa uivaçada tão espantosa que chegou a abafar o barulho dos realejos: mas logo desatou a disparar... a disparar... a disparar... e foram-se, campo fora, para os lados da rosa-dos-ventos, como assombrados!

Inegavelmente: soberbo!

E eu, cheguei a fazer uns passos de gavota, rejubilando-me; sim, senhor! Mas - e aqui tive um baque no coração.. - os gringos, sem mais cachorros para espantar, pediam comida. E eu, que não contava com a rapidez do negócio, havia-os contratado por três dias, calculando que com três dias de realejo não haveria cachorro - nem morto! - capaz de resistir...

E errei feio, porque os próprios bulldogues não chegaram a agüentar nem uma hora...

E eles a pedirem comida!

E a chegarem mais gringos, que pelas estradas tinham tido notícias do meu anúncio; outros que eram ainda mandados expressamente pelos meus amigos e conhecidos e comissionados!

E cada desgraçado que chegava, como saudação, tocava-me uma peça de realejo; e quando foi de noite, todos eles, de combinação - eram cento e cinqüenta e três - resolveram fazer-me uma surpresa, e todos a um tempo, como um furacão que desaba, manobram uma serenata sem fôlego, que durou da uma às três horas da madrugada.

Comecei a deitar sangue pelo nariz, pelos ouvidos, pelas gengivas, e desmaiei.

Ao clarear do dia recobrei os sentidos; chamei os capatazes, a peonada, uns hóspedes que tinha, e armei-os de revólveres, de davinas, de pistolas, de bacamartes; meti em quadrado os gringos, com os realejos; todos nós, armas engatilhadas, facas reluzindo, prontos a matar, tocamos-los porteira fora, aos gritos imperiosos de - silêncio! silêncio! silêncio!

Passei então um dia delicioso; sestei regaladamente!

Mas - sempre aparece cada uma! - logo começaram a aparecer-me em casa advogados, escrivães, meirinhos, autoridades.

Ora dá-se! Um homem quieto na sua quinta, sem se preocupar da vida alheia e a vida alheia atrapalhando a sua! ...

Eram os vizinhos, queixosos, que me processavam, pediam indenizações, reclamavam contra prejuízos de que eu era causante!

Estes, porque as preás que conseguiram escapar-se haviam-se-lhes entocado nas plantações; aqueles, porque, gatos danados - dos meus - tinham-lhes mordido as criações; outros, porque os cachorros corridos comiam-lhes os rebanhos..., e até um violento protesto do cônsul, acusando-me de tentativa de morte sobre trezentos e sete gringos e meio!...

E eram citações, requerimentos, autos, contrafeitos, termos, inquirições..., um inferno!

Chamei advogados para a minha defesa, estes pegaram-se a discutir com os contrários: então é que a complicação complicou-se mesmo!

Os peões despediram-se medrosos os capatazes foram saindo, por causa das dúvidas...

Fiquei sozinho, na quinta solitária.

Então adoeci.

Veio um doutor para salvar-me. Mostrei-lhe a língua, tateou o pulso, rufou-me na barriga e... chamou um colega. Depois os dois chamaram um terceiro, os três, um outro; os quatro, um quinto... Já era uma dúzia deles; vieram mais ainda: cheguei a contar um quarteirão!

Desde a nuca até a sola dos pés, o meu corpo era um mapa geográfico de manchas e vergões; estava todo sanado e emplado de ventosas, inflamado dos sinapismos, lambuzado dos unguentos, queimado dos vesicatórios, encorilhado das embrocações, cruzado das pinceladas...

Na casca consenti tudo: no miolo, nada. Engolir, isso sim, isso é que nem à mão de Deus-Padre nenhum deles foi homem para me obrigar!

Certo dia, por doze votos fui considerado ainda vivo, e por treze dado por morto.

Venceu o um da maioria: passaram atestado de óbito e foram-se... e veio o defunteiro tomar as medidas do caixão... Que cena, esta, da tomada das medidas ... que cena!..

Dormi... até acordar-me; depois levantei-me, fiz um churrasquinho, chupei dois mates e pitei um cigarro de fumo crioulo. Sol alto montei a cavalo, para ir-me embora, de vez.

Tinha vencido sete pragas: bastava de combate.

Mas, ao sair a cancela do terreiro, vi o que nunca imaginei mais ver! ...

Vi a barba-de-bode renascendo na lavoura, algumas preás roendo ervas, três gatos em cima do telhado; dois cachorros coçando as pulgas; um gringo de realejo à sombra de um moirão, um meirinho que chegava a trote..., e um doutor que apeava-se da carriola!...

Amigo!

Cerrei pernas ao baio e só parei... quando vendi a quinta.

Pagas as contas, sobraram-me três patacas, em cobre: comprei as espoletas, pólvora e balas, e ganhei, outra vez, no sertão!

Tenha chácara quem quiser: eu, Romualdo, é que nunca mais!

Nem atado!

IV - O PAPAGAIO

O reverendo Padre Bento de S. Bento - que o Senhor talvez conhecesse, não? - era um santo homem paciente - paciente! paciente! - como naquela época outro não houve.

Nos circos de burlantins muita coisa curiosa tenho apreciado: cachorros sábios, cabras que fazem provas, cavalos dançarmos e burros que a dente pegam o palhaço pelo... atrás

das pantalonas; mas a paciência para esse ensino não pode comparar-se, não pode-se, com a do reverendíssimo.

O Padre Bento, farto de aturar sacristães e não querendo estragar a sua paciência, que estava-lhe na massa do corpo, resolveu dizer as suas missas... sozinho.

Preparava as galhetas, o missal, etc.; depois pachotrentameflte paramentava-se e pachorrentamente esperava a hora de officiar; chegada, encaminhava-se para o altar, e começava e concluía, parte por parte, tudo muito em ordem.

Mas o filé, o bem bom era quando entrava a ladainha: ele cantava o nome do soneto e uma vozinha esquisita, porém, muito clara respondia logo:

- O-o-a por nob-s!

E os fiéis, em seguida, pela pequena nave atora, acudiam ao estribilho:

- Ora pro nobis!

Dessas ladainhas assisti eu a muitas, na capelinha de S. Romualdo, que era próxima a nossa casa, na Vila de...

Agora sabem quem cantava as ladainhas do Padre Bento?

Era o Lorota, um pagagaio amarelo, criado na gaiola e muito bem falante...

Com ele diverti-me muitas vezes:

- Lorota, dá cá o pé!

E ele, ensinado pelo padre, respondia, amável!

Coitado! ... O padre morreu e o Lorota, não tendo mais a quem dar contas, fugiu.

Passaram-se os anos.

Uma vez, estava eu na Serra, numa espera de onça, quando senti - confesso não medo mas um arrepio de... frio - quando ouvi, nas profundezas do mato virgem, uma ladainha religiosa!

E pausada, afinada, bem puxada em suma!

Seria um sonho? ... Estaria eu errado na tocaia das onças, e em vez de estar na floresta cheia de bichos ferozes, estava na vizinhança de algum convento, de alguma capela, de alguma romaria?

E a ladainha, compassada e cheia, vinha se aproximando:

- Bento S. Bento!

- Ora pro nobis!

- Santo Atanásio!

- Ora pro nobis!

- S. Romualdo!

- Ora pro nobis!

Eu mergulhava os olhos por entre os troncos, os cipós e as japecangas a ver se bispava uma cor de opa, uma luz de tocha, uma figura de gente; nada!

Nisto, a ladainha pousou nas árvores, por cima de mim. Pousou, sim, é o termo próprio, porque quem cantava era um bando de papagaios e quem puxava a ladainha era o papagaio do Padre Bento, era o Lorota!

A paciência do bicho! ... Ensinar, direitinho, aos outros, a cantoria toda! ...

Pasmo daquele espetáculo, e duvidando, quis tirar uma prova real, e perguntei para cima:

- Lorota? Dá cá o pé!

Pois o papagaio conheceu a minha voz, conheceu, porque logo retrucou-me com a antiga resposta que ele sempre dava:

- Romualdo é bonito! Bonito!

E como para obsequiar-me fez um - crrr! - como aviso de comando e recomeçou a ladainha:

- Bento S. Bento!

- Ora pro nobis!

- Santo...

Nisto tremeu o mato com um berro pavoroso... o Lorota e seu bando bateu asas... e eu olhei em frente: a sete passas de distância estava agachada, de bocarra aberta, pronta para o salto, uma onça dourada, uma onça ruiva, uma onça de braça e meia de comprido!

E na aragem do mato ainda soou um vozerio distante:

- Or...a pro no.. .bis!
S... Ro...mual...do!
Ora... pro... nobis!...

V - O TATU-ROSQUEIRA

Já em rapaz eu ouvira falar numa raça de tatus-rosqueira, porém, punha minhas dúvidas nessas histórias. Passaram-se os anos caminhei muito, muito, aconteceu-me muito, mas de. tatu-rosqueira, nada!

Pois dessa feita, no Rincão das Tunas, vi; do outro lado do rio Camaquã, com estes, que a terra há de comer, vi... e se me fosse contado não acreditaria.

Periga a verdade, mas lá vai, e, demais, estavam presentes o capitão Felizardo, já falecido, o licenciado Silvinha (que perdi de vista), além dos peães, sem falar nos cachorros, por sinal bons tatuzeiros.

É sabido que as jararacas andam sempre em casal e que se alguém mata uma pode também matar a outra, no mesmo lugar, porque a viúva vem pelo rastro da companheira; se se carrega a primeira, por exemplo, para perto de casa, é contar que a outra aí vem dar; quer dizer, o bicho acompanha o seu defunto, ou seja pelo faro, ou pela dor da saudade, com os olhos da alma...

Sabe-se também - isso eu vi, vezes e vezes! - que o lagarto conduzido pela cauda, semimorto ou semivivo (há diferença entre estes estados de saúde), quando menos se espera, quebra o rabo e escapa-se.

A perdiz, finge de morta: fecha os olhos, afrouxa o pescoço, reina as asas e... zuct! de repente apruma-se e desfere o vôo.

O zorrilho...

Esta pequena divagação, que pode parecer maçante, é necessária e vem apenas provar que todo animal tem um instinto muito particular para certas aflições em que se encontra.

Era por uma bonita noite de luar. Estávamos mateando e pitando; conversa vai, conversa vem, quando o major Felizardo lembrou que podia divertir-nos proporcionando-nos uma caçadita aos tatus.

- E tatu-rosqueira, então, que é praga! ... concluiu o major.

A este dito, saltei.

- Pois há? ... inquiri.

-Xi! assim!...

E o major juntou em molho os dedos das duas mios, e assobiou comprido.

Aprestamo-nos e saímos rumo do rincão.

De chegada soltamos os cachorros, e daí a um quase-nada já lhes ouvíamos o ganiçado. Começamos a bater as toca. Aquilo foi rápido.

Havia mesmo muito tatu!

Cachorro farejava, cavava na entrada da toca, e nós já rente, de enxada, dá-le que dá-le!

Eu é que tive a sorte de descobrir o primeiro tatu; o primeiro tatu, não, o primeiro rabo de tatu. E no que o descobri, agarrei-o. Tironeei, tironeei, e nada, o bicho não vinha; já ia meter o dedo... sabem, bem?... quando o licenciado Silvinha gritou-me:

- Não faça isso, Romualdo... destorça a rosca do rabo!...

- Quê?

- Sim, e para a esquerda, a modo de parafuso inglês!

Sem ter consciência do que fazia, às mãos ambas dei umas quantas voltas para a esquerda, e qual não foi o meu espanto quando senti que efetivamente aquilo cedia, afrouxava, desatarraxava-se! ... E fiquei com o rabo na mão... sem o tatu!

Pelos outros lados os companheiros andavam na mesma faina. Algo desapontado, indaguei do licenciado:

- E agora?...

- Passe a outro. Guarde esse rabo aí no saco; daqui a pouco você verá o resto!

Aquilo era curioso, passei a outra cova, a mesma manobra: outro rabo, no saco; outra e outra, e assim porção delas.

A certa altura o tenente-coronel deu ordem de parar, pois não poderíamos transportar toda a caçada; o saco estava cheio a mais de meio.

Eu estava desconfiado e furioso, mas disfarçando, achava esquisito vir ao mato caçar tatus e só levar-lhes as caudas...

Mas o coronel Felizardo fez um sinal e logo nos arrolhamos em volta do saco; fez-se silêncio e daí a pouco começou a tatuzada a sair das tocas - desrabados todos - e vieram se chegando para o saco, focinhavam nele e ficavam quietos, como viúva velha chorando na cova de marido novo...

Ai então é que era pegar e sangrar tatu! ... Foi uma senhora matança! Fizemos umas quantas enfiadas e voltamos para casa vergando ao peso da caçada. Eu, por mim, confesso, estava atônito!

Em caminho é que o brigadeiro Felizardo me foi contando a cousa pelo miúdo

- Romualdo, você conhece o tatu peludo ou de rabo mole, o bola, o guaçu e outros; mas parece que este, nunca viu...

- De ouvido, sim!

- Ora! ouvir falar é uma cousa, ver é outra... Este tatu tem o rabo como uma rosca, por isso se chama rosqueira; caçá-lo é facilímo: descoberta a toca, basta poder agarrá-lo pela cauda e em vez de puxar destorcê-la e depois levá-la para um pouco distante naturalmente o rosqueira sente falta do peso do rabo e pelo faro vai em busca, acha-o e começa logo a cavar no chão um buraco estreito e fundo, entra então com o focinho a dar voltas e mais voltas à cauda solta, e tanto trabalha que fá-la cair de ponta para baixo no buraco que preparou: então, chega-lhe terra e vai-o enchendo, de forma que a cauda pode ficar fincada como uma estaca, e quando ele sente que está firme, senta-se-lhe em cima e...

- E... parece incrível!

- E começa a andar à roda, à roda, sempre para a direita, até atarraxar-se de novo ao rabo. No que está pronto vai-se embora!

No dia seguinte fui ao mato, sozinho, para verificar o caso.

Descobri logo umas sete covas, portanto sete tatus; destorci sete rabos, pu-los no chão trepei a uma árvore topada e esperei vieram os tatus: vieram os tatus, fizeram os tais buracos, fincaram as caudas, sentaram-se em cima delas e começaram a rodar, a rodar, a rodar. Dentro em pouco um primeiro cessou o movimento e atirou-se para a frente, na sua posição natural, de quatro patas; e logo outro, enfim todos os sete, perfeitamente bons, enrabados, completos. Sem querer fiz um movimento, e os bichos fugiram rápidos como setas. Era a pino do meio-dia.

Para comer é que não são bons: têm a carne mui dura.

VI - A FIGUEIRA

Morava na rua da tomba em um casarão acachapado, pintado de amarelo. Ao fundo o quintal, parecendo pequeno por ter ao centro uma colossal figueira.

Esta colossal figueira havia estendido grossos braços para todos os lados e copava e fechava de tal forma a ramaria e a folhagem, que a sombra era perpétua.

Não só através dela não filtrava um rastilho de sol, como também nem um pingo de chuva passava para baixo.

Não consegui manter uma galinha no quintal: quantas lá punha morriam de frio; e ali mesmo as enterrava, o cachorro, esse, tiritava como se estivesse em plena garua de agosto, batida de minuano.

Por estas e outras andava eu aborrecido com a figueira. Carregar, isso carregava que era uma temeridade..., mas nos últimos anos, menos, bastante menos.

Por outro lado, era debaixo da figueira que os meus pequenos e os da vizinhança brincavam; ai faziam as suas merendas, principalmente quando havia frutas; e com o andar do

tempo a criançada chegou a fazer em volta dela um verdadeiro tapete de sementes diversas, de laranjas, marmelos, pêssegos, uvas, pêras, ameixas, de araçás, de butiás, de limas, melões, etc., enfim um calçamento de caroços e pevides.

Naturalmente cada ano as raízes da figueira cresciam e enterravam e afogavam essa caroçama que desaparecia.

Preciso dizer que a casa e o quintal e portanto a árvore pertenceram aos avós da minha sogra, esta aí nasceu e faleceu, com noventa e sete anos; e que há cinqüenta e três anos que os ditos bens pertenciam ao meu casal: basta isto para calcular-se a idade da figueira!

Ora muito bem.

Há de haver uns sete anos fez um inverno molhado e frio como nunca passei outro. Todo o mundo lembra-se desse ano. Em casa fomos todos, de ponta a ponta, atacados de tosses e catarreiras tão fortes, que julguei iríamos acabar héticos. Chiados de peito, roncões, assobios, fanhosidades, rouquidões... um barulho que até alarmava os andantes na rua!

O doutor que acudiu, como se tratasse de uma única doença, já receitava os lambedouros em dose para vir em frasco grande, dos de genebra.

Mas, qual! ... Cheguei a desanimar, e certa vez puxei o médico para uma sala dos fundos, para conversar à vontade. Conforme íamos andando, a casa ia ficando às escuras; o doutor estacou:

- Homessa! Estaremos à boca da noite às duas horas da tarde?...

- Não é nada, doutor: é a figueira!

- Que figueira, Romualdo?

- Ali, na escuridão..., não vê?

O doutor teve medo de seguir avante; eu, já se vê, prático velho, nem me abalei.

Mas tanto como rodou nos calcanhares, disse-me com franqueza:

- Romualdo, toda a doença da sua casa está ali; é a umidade, a escuridão, o abafamento que a figueira produz, derrube-a, Romualdo, derrube-a!

- O abafamento... a escuridão... a umidade...

- Sim, homem: meta-lhe o machado!

Compreendi: era tal e qual! Mas como todos estimávamos muito a figueira, resolvi derruba-la, não podá-la muito, sim.

Logo no dia seguinte começou a esgalhação; trabalhou-se uma semana, de fio a pavio, apenas parando para comer, veio carreta de bois para levantar as lenhas da poda.

Foi uma alegria, na casa. Sol, ar livre, por todas as portas e janelas; chio e paredes começaram a arear.

Ninguém mais tomou lambedouro.

Logo na primavera começou a brotação e vieram galhos novos, bonitos porém com um enfolhamento esquisito.

Esquisito, deveras. Folhas compridas e curtas, e largas e estreitas; recortadas umas, lisas outras; lustrosas, foscas; ... uma trapalhada! ... e até notei alguns pequenos espinhos.

Vi, vi bem: eram espinhos; pequenos, porém espinhos.

Até aí nada de espantar: curioso e tal, mas tem-se visto..

No ano seguinte porém, e nos outros, é que a figueira começou a encher-me de espanto, a num e ao vizindário e outras pessoas muitas. Sinto não lhes haver tomado os nomes, mas nem tudo lembra: se tenho tido essa precaução, hoje, com tais testemunhas, entupiria a muitos incrédulos malcriados a quem hei referido este caso. Mas quem mal não pensa, mal não cuida...

Pois esse ano a figueira deu figos e... marmelos; no seguinte, pêssegos e ameixas, de repente, só peras; no noutro ano, puramente laranjas, depois, apenas figos; em seguida, uvas..., e assim sucessivamente, melancias, cocos, limas, araçás, etc., até que em certa temporada deu umas frutas esquisitas, compridinhas, ressequidas, sem gosto nenhum, nem sumo, e que, bem examinadas, eram quase como penas de aves..., até pelo cheiro ... de galinha, que conservavam...

Matutei muito, mas encontrei a explicação do fenômeno.

Simplíssimo: a figueira tinha absorvido o suco germinativo de todas as pevides e caroços e sementes que lhe alastravam o chão..., e também o das galinhas mortas que junto às suas raízes foram enterradas... Com a força do sol tudo aquilo grelou dentro da sua seiva. Como a

árvore não pôde reagir contra a invasão, antes foi dominada, assim é que começou a dar frutos, na desordem que mencionei.

Em conclusão: a figueira já não sabia o que fazia; estava como uma pessoa muito velha, de miolo mole, que já não regula.

Pobre da minha figueira. Coitada!

Estava caduca!

VII - UMA BALDA DO GEMADA

Mais vale jeito que força.

O meu cavalinho, o Gemada, era um ótimo animal, de cômodo e rédea: marrequeiro fino e até farejador de perdizes, pelo hábito aprendido com a minha cachorra Tetéia, que foi uma maravilha.

Mas o Gemada tinha uma balda; a não ser comigo, não havia quem o obrigasse a passar um rio, em balsa.

Para cavalo era até uma burrice, isso; pois os próprios cavalos confessam - confessam pelo comportamento - que é muito mais agradável atravessar o rio na balsa, do que nadando: cansa menos e não é tão frio...

O Gemada, porém, era refratário a tais comodidades.

Fosse um peão ou qualquer outra pessoa fazê-lo entrar na balsa: gastaria horas, zangar-se-ia, cairia n'água e nada arranjava: o cavalo firmava-se, recuava, pulava, empacava-se, mas não entrava; a cacete, então era pior: empinava-se, couceava, mordía, mas não ia...

Ora, certa vez que, da barranca, eu assistia a uma dessas cenas, e tendo muita pressa e pouca paciência para fazê-lo passar a nado e encilbar do outro lado; enquanto o balseiro, já cansado de firmar a embarcação, praguejava, e o peão, já de mau humor, dava sofrenços e tirões, e um outro auxiliar já estava rouco de tanto gritar com o cavalo, e embarreado e encharcado; enquanto essa luta durava, a mim fervia-me o sangue, e batia o queixo, enraivado, como que sacudido por febre de sezões...

Não me contive.

Desci da barranca, tomei o cavalo, apertei muito bem os arreios montei e mandei que os peões se afastassem, e que o balseiro, encostando bem a balsa à beira do rio, apenas a segurasse com a mão, de terra.

Isto feito, afastei-me como umas sete braças, firmei as rédeas e cravei as esporas na barriga do cavalo teimoso: ele gemeu com a dor, mosqueou, e saltou pra frente, como unia mola!

Daquele arranco vim à praia, e sempre tocado de espora e rebenque, de pulo, o Gemada atirou-se dentro da balsa, comigo em cima, olé!

O impulso para diante foi tão forte, que a balsa, como uma flecha, deslizou sobre a água e foi, certinha, abicar na outra margem!...

E conforme lá cheguei, tomei a cravar as esporas no Gemada, e ele, desesperado, arrancou, e, de pulo, atirou-se da balsa para terra...

O impulso para trás foi tão forte, que a balsa desandou sobre a água, e foi certinha, como uma flecha, abicar na margem donde havia saído...

Fora esse, exatamente, o cálculo que eu havia feito.

Dai por diante nunca mais inquietei-me. Havia rio para passar, em balsa? Ora!

Espora... pulo..., balsa pra lá!

Espora... pulo..., balsa pra cá!

VIII - CAÇAR COM VELAS

Poucas, as pessoas cuja vida tenha deslizado serena sempre, como um dia de sol sem nuvens; raros, aqueles que viveram sempre ao abrigo da luta pela existência; e se esses, assim postos ao abrigo, por uma circunstância toda especial da fortuna ganha pelos seus progenitores, se esses, digo, fossem de momento lançados àquela luta, provavelmente nela sucumbiriam, por entrarem na liça muito tarde, sem preparo algum nem o hábito da peleja e dos seus rigores nem da utilização das próprias faculdades.

A necessidade é uma grande mestra, e é sempre preferível que os homens moços aprendam com ela.

Houve um tempo em que eu caçei - não como amador, por simples recreio - mas por necessidade, para ganhar a vida, como negócio, em suma.

É claro que não ia perder as minhas horas a espera de preás nem tuto-tucos, nem tampouco a levantar bem-te-vis ou pica-paus. Nada: procurava caça redonda, de poder até fazer fortuna com ela, pois já não podia atender às encomendas que de toda parte me chegavam.

Cada dia mais avultavam os pedidos: os compradores pagavam à vista e sem regatear, por vezes, para ver-me livre deles, pedia preços loucos..., nem assim!

É que eu tinha uma especialidade! -mas que especialidade! - só, somente vendia peles de onças, muito bem tiradas com rabo, cabeça e garras - tudo perfeito, sem um talho, sem um furo, sem um buraco!

Todos podem matar - e alguns, matam - onças a tiro, como eu; mas por melhor que seja esse atirador, ele estragara - sempre - o couro da presa, porque usa balas ou balins ou, pelo menos, chumbo grosso.

Eu, não: só empregava... Esperem um pouco.

Parece até que tomava a minha caça em urupuca, inteirinha, sem um arranhão, e esfolava-a tranquilamente, como se depenasse um perdigão.

Era isso o que encantava os compradores dos meus couros... de onças.

Vários bisbilhoteiros acompanharam-me ao mato para verem o meu sistema; deixava-os ir, convidava-os mesmo, porém dispistava-os facilmente.

Como conhecia os paradouros das onças, encaminhava-me para lá.

Afoutamente.

Assobiando.

Mal os bichos pressentiam a aproximação de gente, principiavam a urrar, já assustados, mas para assustar'...

Eu, então, para fingir medo, punha-me em altos brados, a chamar pelos tais fulanos... e quanto maior a gritaria, mais urravam as onças e... mais fugiam os bisbilhoteiros! Então ficava só em campo, ou antes, no mato, muito a meu gosto.

Outros, invejosos, diziam que eu tinha um - breve - contra onça; outros, que rezava a oração de São Cogominho, que é muito forte contra os perigos do mato.

Diziam, porém tudo pura invenção.

O meu segredo era simplíssimo.

Como se sabe, é o homem o único animal capaz de respirar pela boca; todos os demais bichos respiram unicamente pelas ventas: quem lhas tapar, mata-os. Fiz centenas de verificações, por isso afirmo.

E mais, todo o bicho preso pelo focinho é bicho dominado. Veja-se o touro, por bravo que seja, uma vez tendo uma argola passada nas ventas, já está dominado, o potro, com um cachimbo bem passado, está entregue; e assim outros.

Foi partindo desta certeza que pus em prática o meu processo, mesmo porque naquela época eu não tinha ainda descoberto minha futura famosa essência - de cachorro - que tão notáveis vitórias granjeou-me. Quando ia para o mato levava duas espingardas - das marrequeiras - de carregar pela boca, e de munição de guerra apenas espoletas, pólvoras e buchas.

E em vez de espere um pouco!

No que descobria a onça, fazia barulho, assanhava-a!

Ela pulava, encastelava-se numa forquilha de qualquer árvore, agitando a cauda lambendo as barbas, miando rouco, afiando as unhas...

Eu, parava-me bem em frente - que é a regra - porque se você dá costas, a onça pula-lhe em cima, e, adeus! era um dia...

Carregava a marrequeira com a sua espoleta, sua carga de pólvora e uma bucha, de sabugo de milho; depois então é que metia a... Espere um pouco!

Mas não despregava os olhos da fera. De tal forma a gente acostuma-se a estes perigos que chega a carregar a arma simplesmente pelo tato e pelo ouvido.

Quando estava preparado enfiava na mira a racha do fochinho da onça, e pum!

O bicho recebia a carga bem nas fuças; roncava, sufocado, e vinha ao chão, tonto, inconsciente, mortalmente batido, com as ventas entupidas e com o atilho pendurado no focinho.

Lestamente coma, por ele amarrava a fera a qualquer ramo e já carregava a segunda espingarda - pra dar à primeira o tempo de esfriar - e assim, ia-me à segunda, terceira, sétima onça, etc.

Caçado o número marcado, sangrava cada uma e tirava-lhe o couro, sem um talho, sem um furo, um buraco: perfeito, sem avaria!

Em lugar de balas eu comprava velas de sebo, já preparadas pelo calibre das armas em cada ponta do pavio ia preso um forte anzol.

Com o calor da pólvora, no tiro o sebo saía derretido, e dando bem pela frente nas ventas da onça, entrava por elas a dentro, enchendo-as e entupindo-as; a fera mesmo espirrando não mais podia expelir aqueles batoques, que, endurecendo, asfixiavam-na.

O pavio também seguia o seu caminho: um dos anzóis fisgava certo, no focinho; o outro quase sempre pegava na língua, outra vez numa das beíçolas ou no céu da boca... e cravava-se fortemente. Assim, firmado pelas duas pontes, o pavio formava uma alça.

O.....

A.....

Nem é preciso explicar.

As cousas mais simples são sempre as que parecem mais difíceis.

Desvendado, o meu segredo é como o ovo de Colombo; agora todos dizem:

- Ora, que milagre!... Assim, Romualdo, assim, eu também faço!

IX - O MEU ROSILHO "PIOLHO"

Não gosto nem admito fanfarrices perto de mim.

Freqüentemente encontro sujeitos maturrangos contando façanhas e fazendo gatimoribas de campeiros e a todo instante falando - no meu cavalo.., porque o meu cavalo... e o meu cavalo.., e vai-se a ver e trata-se de um sotreta qualquer, assoleado ou manco.

Cavalo, o que se diz - cavalo -, de chapéu na mão, foi o meu rosilho "Piolho"!

Isso, sim, era de se lavar com um bochecho d'água; de cômodo, era uma rede! de patas, um raio! de rédea, como uma balança! E manso como um cordeiro, de boa boca como um frade, faceiro como uma rosa, e armado, de barba ao peito, como um conde de baralho!

A não ser um azulego do capitão Manduquinha Pereira nunca encontrei outro pingaço para cotejo. Foi domado pelo Chico Piola e não preciso dizer mais nada.

Morreu de garrotilho, até hoje ainda me treme a raiz da alma quando lembro o garbo do meu rosilho...

Uma vez, andava eu, de escoteiro, para as bandas do Alegrete. Calor de rachar.

Lá pelas tantas, desviei-me da cruzada sobre uma restinga, disposto a dar um alce ao rosilho e ao mesmo tempo tirar uma sesteada, até abrandar a quentura.

Apeei-me à sombra de um salsal; dei água ao flete e maneei-o, para um verdeiozito. Era ele cavalo mui mestre nestas cousas.

Em seguida estendi os arreios e aplastei-me sobre os pelegos, de carnal pra cima; puxei o chapéu para os olhos e encruzei os braços sobre a boca do estômago, tendo antes posto de jeito o facão e a pistola, por um - se acaso...

Nem as folhas buliam, nem um passarinho cantava, apenas um que outro trilirim de gafanhoto vermelho saltando nas macegas. Nem quero-quero fazia ronda.

Assim tirei uma cochilada morruda e iria a mais se...

Amigo! ouvi um tronar forte, de tremer o chão! Era um temporal de verão, desses que não dão tempo nem para se apagar o cigarro!

Foi o quanto saltei das caronas e trouxe o rosilho, enfrenei-o - num vá! - sentei-lhe as garras - num vu - e montei de pulo...

A trovoada roncava ali, logo no outro lado da canhada.

Via-se cair a chuva, em manga, em linha, e via-se muito bem porque o sol dava de refilão pela esquerda. E todo aquele borbotão d'água que desabava corria sobre mim, no pé-do-vento.

Levantei as rédeas, firmei-me nos estribos e trepei a coxilha... e no que achei campo em frente, rumbeei para a estância do falecido João Silvério, que branqueava lá longe, obra de três quartos de légua, cortando à direita.

Nisto senti um - tchá! tcbá! tchá! -atrás de mim; olhei, de relancina apenas, porque nem tempo para mais, tive; era o temporal, a bomba d'água que se despenhava, quase nos garrões do rosilho! Foi o quanto amaguei o corpo e toquei, de meia rédea.

Cupins e buracos de caranguejos, tacurus, macegas e carquejas, sangas, lagoas, barrais - o diabo! - não vi nada! Se rodasse, nem o sebo da coalheira se me aproveitava!

Mas o rosilho "Piolho" era firme e bonzão, sem mais nada!

Eu corria, é verdade, porém a manga d'água também corria... A polvadeira que eu levantava a chuarada engolia logo.

Eu sentia-lhe a frescura, percebia que ela estava-me na garupa, na anca dó rosilho, nos garrões dele! Um que outro pingo de chuva mais ponteiro batia-me às vezes na aba do chapéu...

Era um duelo esquisito. Um duelo, em que um valente fugia para ficar vencedor!

Vencer, aqui, era chegar enxuto.

E assim viemos, eu e a tormenta, na mesma disparada: a que te pego! a que te largo! a que te pego! a que te largo! - Já perto das casas, vi a gente do João Silvério, e ele mesmo, todos de mão em pala sobre os olhos, gozando aquela gauchada.

Issi foi rápido, pois logo todos entraram, a fechar portas e janelas, quando viram que eu vinha feito sobre o galpão.

Quando ia mesmo a entrar, saiu-me a cachorrada, furiosa, enovelando-se, em latidos e investidas: suspendi a rédea com pena de matar algum debaixo das

Olhem que isto foi como um pensamento; mas foi o tempinho bastante para o demônio da chuva molhar a anca do cavalo!

Fiquei furioso! Se não tenho a pieguice de poupar um daqueles ladrões daqueles cachorros, a chuva não me tocava, nem na cola do rosilho: chegaria enxuto!

Assim é que entendo cavalo bom.

O João Silvério ficou doudo pelo "Piolho"; dava-me cem onças de outro, um apero completo, de prataria lavrada, por fim, de quebra, por cima de tudo, ainda me tenteou com um rodeio tambeiro.

Um horror de propostas. Mas eu não quis.

Durante muitos anos aí esteve ele vivo e são, que podia contar este caso, tal qual eu. Hoje não sei que fim levou essa gente, e mesmo se eu quisesse ir agora a essa estância, talvez não atinasse mais com o caminho, por causa da divisão dos campos, estradas novas, cercas e corredores que despistam muito um vaqueano... Mas que o caso passou-se, isso, passou-se!! mal ... apenas a chuva tocou a anca do baio... e isso mesmo por causa dos cachorros do João Silvério!

X - ENTRE BUGIOS

Quando, no norte do país, houve uma seca espantosa, que durou um par de anos e alarmou o governo e o povo todo, a farinha de mandioca encareceu, porque quanta se fabricava toda ia para aqueles infelizes flagelados.

Por essa época andava eu caçando antas nas serras do Paraná, e aí tive notícia da seca e da necessidade de mantimentos para os socorros.

Eu estava dentro dos pinheirais: tive uma idéia, isto é, tive uma pilha de idéias, porém uma prevaleceu: em três tempos montei um engenho e comecei a fabricar farinha de pinhão.

Pinhões, havia, às centenas de carretas...; o que dava trabalho.., era descascá-los.

Ora... mas também havia muito bugio... Preparei a minha gente e fiz algumas batidas, apanhando uma caterva de bugios, que são uns macacões ruivos, fortes e mui práticos de comer pinhões.

Estão querendo perceber?

Colhíamos os pinhões e os entregávamos aos bugios, amarrados em volta do terreiro --homens a um lado, mulheres a outro, para evitar rusgas... -; por imitação do que nós fazíamos, os bichos aprenderam a pelar os pinhões, atirando as cascas para um monte e as amêndoas limpas para dentro de cestos.

É verdade que eles comiam muito: mas o pinhão sobrava.

Eu tinha mais de duzentos macacos -bugios e bugias - mestres de pelar pinhão, e tudo gente moça, porque os velhos não tinham metido a mão na cumbuca, e lá andavam no mato, passando vida de... cachorro.

Ora, pois, não é nada, mas cada dia preparava minhas sete arrobas, mais ou menos, de farinha de pinhão, que era logo ensacada e mandada para a comissão da fome da seca.

Fabricada, ensacada e mandada de graça! Confesso a minha verdade: eu esperava ser recompensado com uma comendazinha... Era o meu fraco: poder um dia enfrentar uma onça, de comenda no peito!

Cada um com a sua fraqueza...

Nesse meio tempo apareceu o gafanhoto, uma praga monstruosa, que derrotou tudo quanto era pinhão que havia na serra: não se encontrava um, para remédio.

Vi-me então obrigado a licenciar os bugios e soltei-os, dando-lhes conselhos e recomendando-lhes juízo...

Foi um grande dia para aqueles bichos.

Estou convencido que se durasse mais tempo o serviço, muitos deles, os mais inteligentes, acabariam, não digo - falando -porém - mastigando - alguma cousinha que se entendesse.

Por exemplo: havia um, que com alguns exercícios já dizia - mual! mual! - o que parece-me que seria - Romualdo -, que era o nome que ele mais ouvia na roda do dia. Pouco antes de retirar-me daqueles lugares, andava eu no mato, aborrecido por não encontrar caça alguma que me satisfizesse.

Embrenhado num cerrado, encostei-me a uma árvore, à espera do que aparecesse.

Nisto senti ali por perto um - hã, hã, hã! - muito compassado e monótono. Hã! hã! hã! Lembrei-me da cantoria das amas, embalando crianças.

Por instinto de caçador, apurei o ouvido e percebi donde vinha o som; olhei, e por entre as ramarias lobriguei um vulto amarelo-vermelho; levei a arma à cara, fiz pontaria, e ia desfechar...

Quando senti que puxavam-me pela aba do casaco ... voltei-me, e qual o meu espanto, dando de cara com um bugio, que ria-se e dizia - mual! Mual!

Abaixei a arma; ele e não, sempre puxando-me pela aba do casaco, foi-me levando em direção ao vulto que eu descobrira; mais perto vi então que era uma macaca, sentada, com um macaquinho ao colo, dando-lhe de mamar!

O lugar onde ela estava era uma espécie de rancho, mal feito, é verdade, mas mostrando já alguma civilização, havia um porongo d'água pendurado num galho, e, numa forquilha, espetado, um ninho de sabiá cheio de guabijus, parecendo uma fruteira.

O bugio pôs uma mão no ombro da bugia, a outra sobre a cabeça do macaquinho e com a outra bateu no peito, como a dizer:

- Minha mulher! Meu filho!

Oh! senti toda a poesia daquela felicidade!...

Tirei do bolso o meu lenço de ramagens e dei-o de presente à bugia, dizendo:

- Toma! Faze fraldas para o pequeno!

O ladrãozinho parece que entendeu..., e engraçando com a corrente do meu relógio, pôs-se a brincar com ela; e eu, para divertir-me, ainda encostei-lhe a "cebola" ao ouvido, para ele apreciar o tique-taque da máquina...

O casal saltou de contente, berrou -mual! mual! - umas quantas vezes, e quando me despedi, veio acompanhar-me até a beira do mato. Nunca mais os vi. Quem nos diz a nós que, com tempo e paciência e pinhões, os bugios...

Ah! antes que esqueça: da minha farinha e da tal comissão... também nunca mais tive notícias. E da comenda, menos!...

XI - O COBERTORZINHO DE MOSTARDAS

No meu tempo de menino fui caixeiro na cidade do Rio Grande, que naquela época dava a nota no comércio da província. Como era da praxe, o meu primeiro posto foi o de -vassoura.

Varria o armazém - uma "venda" em ponto grande - agarrava à unha as baratas vagabundas que passeavam sobre os queijos e os bacalhaus, lustrava os sapatos de fivela do patrão e ia à missa das sete horas, porque era dos mandamentos. As vezes chuchava o meu cascudo dado pelo sr. 1º caixeiro; comia - por último - na ponta da mesa grande, sem toalha e tudo no mesmo prato; ao escurecer ia a casa tomar a bênção aos meus pais e voltava logo, para dormir numa esteira, atrás das pipas. Isso tudo eu e os outros fazíamos para aprender - a ser gente.

Mas a vida ia correndo. O diabo foi uma mulatinha, que...

Foi assim: perto do armazém morava uma senhora viúva, com três filhas, meninas como eu, porém bonitinhas como uns feitiços...

De manhã, quando eu ia à missa ou de lá vinha, espichava para elas os olhos... mas baixava-os logo, entre respeitoso e envergonhado.

As meninas riam-se, cochichavam e beliscavam-se.

À noite, quando ia à bênção caseira ou de lá vinha, etc, e tal, era a mesma cousa.

Aquela obrigada passagem pelos três diabinhos punha-me as orelhas em fogo e forçava-me a trocar o passo, na atrapalhão do meu acanhamento.

Porém, a mais dos três diabinhos havia mais uma mulatinha, repolhudinha, bem da cor do pêssego maduro, e ladina como um sorro...

A mandado das sinhazinhas a mulatinha vinha ao armazém comprar rapaduras, puxa-puxa, pé-de-moleque ou broinhas, que eram os doces que havia; e embirrava em que só havia de ser servida por mim!

- Seu Romualdo, quatro de broinhas e dois de puxa-puxa!

Se outro caixeiro vinha atendê-la, a mulata empacava-se e teimava:

- É o seu Romualdo quem me serve. A nhãnhã deu "orde"! ...

E este seu criado Matias... A vida ia correndo.

Ora, uma tarde, tinham todos ido jantar, ficando eu, como de costume, sozinho de plantão ao balcão. Nessa tarde, não sei porquê, até uns sujeitos que costumavam ficar por ali fazendo horas, até esses não apareceram.

Estava eu olhando para uma caixa de massas italianas e cá de mim para mim perguntando que estranha árvore seria aquela que dava lasanha e macarrão, quando embarafustou porta adentro a mulatinha:

- Seu Romualdo, três de pé-de-moleque!

Fiz os três vinténs de pé-de-moleque e por minha conta tomei de uma rapadura e dei-lha, dizendo, meio a tremer de mim mesmo:

- Toma: isto é doce como tu..

A mulatinha avançou na rapadura e respondeu espevitada:

- Como tu, vá ele! "Menas" confiança! Estomagado com a ingratidão, quis retomar a rapadura e fisgou o pulso da mulata. Houve uma pequena luta silenciosa e ... justo, ao tempo que entrava da rua o patrão, a mulata bradava às armas:

- Seu Romualdo, não me belisque!

- Largue a cabra, menino! berrou o meu patrão, a dois passos de mim.

E como vinha de mãos a prumo sobre as minhas orelhas ... quebrei o corpo. Depois, não sei explicar o que se passou: divisei ao meu lado, na boca de uma barrica, um alguidar com manteiga; nele e nela afundei as mãos e com tal bocado - três ou quatro libras - fiz arma de defesa.

Os dedos ferozes tornaram a roçar-me as orelhas ... outra negaça de corpo e quando alcei-me, plantei a plastada da manteiga na cara do patrão. Olhos, barbas, nariz, boca, testa. Calafetei-o!

E voei, porta fora, assombrado. A mulatinha, em frente, fez uma careta e gritou-me:

- Bem feito! Apanhou! ... Apanhou! Bem feito! ...

Cinco minutos depois entrava em casa.

- Tratante! bradava Romualdo pai. Atreveres-te! ao teu patrão... ao segundo pai dos caixeiros! Patife!

- Mas ele ia arrancar-me as orelhas... murmurava eu, Romualdo filho, a tremer, com a boca pegada a cuspo grosso.

E Romualdo pai:

- Pois fazia muito bem! Quem dá o pão dá o ensino!

E Romualdo filho:

- Que ele sempre... tratou-me... como cachorro... gaudério! Ih! Ih! Ih!

E mais não disse, que os soluços embargaram-me a voz e os queixumes. Afinal a "velha" acomodou as cousas. As mães sabem sempre ser anjos.

Fui mandado para Mostardas, a passar uns dias com o meu padrinho.

Foi um rega-bofe a viagem, que durou três dias, a bordo dum lanchão; foi outro rega-bofe a estadia, que durou duas semanas, em casa do padrinho.

Mostardas é uma povoação perdida entre areiais, junto à costa do oceano. Gente boa, do bom tempo. Tece o linho, de que faz desde os enxovais de casamento até as camisas do diário; tece a lã desde os xergões grosseiros até o picotinho lustroso.

Nesse tempo existia aí uma raça especial de ovelhas que produziam uma lã tão aquecedora como nunca mais vi outra. Essas ovelhas morriam muito no verão abafadas na pele, era necessário tosqueá-los à navalha. A gente que trabalhava com tal lã suava em barda e ficava com as mãos vermelhas, quentes, fumegando, como se estivesse lidando em água esperta.

Mas eu, como criança, pouca atenção dava a estas cousas.

O lanchão amarrou novamente; nele devia eu regressar. Na véspera da partida, a santa da madrinha arrumou a minha bagagem. Minha, propriamente, era apenas uma canastra pequena, forrada de couro cru, peludo. O mais eram presentes que eu levava: um fardo de miraguaia salgada, uma barrica de camarões secos, uma peça de picote, umas toalhas com rendas de bilros, etc.

E para mim, expressamente meu, um cobertorzinho, feito da tal lã das tais ovelhas especiais. O meu cobertorzinho era pequeno; dava apenas bem para o meu corpo: muito leve, transparente e felpudinho. Do lado que devia ficar para os pés. tinha duas barras vermelhas e do lado da cabeça tinha o meu -Romualdo - em letras azuis.

Fiquei encantado! E como já queria utilizá-lo na viagem, emalei-o atando-o com uma eitibira larga, descascada a capricho.

Na manhã seguinte, sob bênçãos e lágrimas dos meus padrinhos, embarquei.

O lanchão içou velas. Ainda uns abanados de mãos, de lenços ... e tudo lá ficou, para sempre, na volta do arroio!

Mal pus os pés em terra, meu pai disse-me que eu marcharia para Bagé... como caixeiro!

Chorei pelo patrão da manteiga, pelas meninas e até pela mulatinha; chorei por Mostardas, pelo lanchão...

Entreguei os presentes, as cartas, dei as lembranças, os recados e os abraços que me confiaram.

Na minha desgraça só o meu cobertorzinho me consolava. Mal toquei-lhe, para mostrá-lo à minha mãe, a embira, de ressequida, esfarinhou-se. Não prestei a isso maior atenção, mas já foi suando que o amarrei de novo com uma orela de pano piloto. Minha mãe abanava-se de leque, como em dezembro.

Segui para Bagé. Uma viagem dessas, naquele tempo, dava para um romance!

Todos sabem disso. Passemos adiante.

Quando a "deligência" fez a última parada, perto da igreja de S. Sebastião de Bagé, o meu novo patrão esperava a encomenda.

Era eu.

Era ele um espanhol baixinho, gordo e gritão.

Como é dos estilos, pus a canastra ao ombro e marchamos para a casa do negócio.

Fazia frio!... frio!... Que frio que fazia!... As fumaças do cigarro do espanhol ficavam paradas no ar, endurecidas, talvez congeladas... Pouca gente a pé. Muitos homens a cavalo; emponchados, todos.

Chegamos. Entramos. Pousei a canastra. Olhei.

E chorei, logo. Aquela. distância, aquelas caras novas e cousas estranhas achatavam-me.

O patrão então falou:

- Mira, chico, estarás estrompado, he?... Vate a dormir. Mañana tempranito te tomarás un cimarón con galletas!

E conduziu-me ao meu quarto, isto é, ao quarto da caixeirada.

Lá, no Rio Grande, tínhamos esteiras, aqui temos pelegos... Ganhei na troca.

Atirei-me sobre o meu pelego. Mas o frio cortava.

Meio de gatinhas, pés duros, canelas duras, ombros duros, mãos duras, consegui abrir a canastra e sacar o meu cobertorzinho. Provavelmente eu devia de estar com a cara como uma batata roxa...

Tocar no cobertor foi uma satisfação, abri-lo um prazer, estendê-lo sobre meus pelegos, uma alegria; meter-me debaixo dele, um consolo divino... E ferrei num sono de pedra.

Lá pelas tantas acordei-me meio afogado, lavado em suor.

Acordei-me sob uma granizada de risadas e falaraz dos rapazes companheiros, todos em trajes menores, sentados nos peitoris das janelas, que davam para o quintal.

- Que abafamento! que calor! diziam eles.

- Parece meio-dia de fevereiro!

- Se tivesse água agora, era banho certo!

Eu, por mim, não podia mais; parecia-me que tinha um pano de fogo em cima do corpo. Fui para a janela, como os outros.

Nisto o espanhol abriu a porta do nosso quarto e - descalço, em ceroulas e de poncho de pala enfiado - bradou:

- Eh! muchachos! Habrá fuego en la calle? Que está caliente como un sol dormiendo!

Mas logo bateram à porta da frente.

- Hay fuego, muchachos! Es fuego! A ver!

Saímos todos com o patrão; abriu-se uma porta e logo entraram uns quantos sujeitos vestidos muito à frescata.

- Chê! Bote um capilé! pediu um, esbaforido.

- Outro! Que calor! gritou outro tipo.

- Menino, dá cá um fresco... reclamou um terceiro.

- Donde es el fuego? inquiria, aflito, o espanhol.

- Que fuego, nem fuego! Calor da noite é que é.

- Isto é tormenta!

- Olha! Outro capilé!

- Aqui também!

E o calor aumentava.

Casas abriam-se com rumor, acendiam-se os candeeiros e as velas das "mangas" de vidro.

Crianças vinham para a rua, em camisinha. Ouviam-se risadas, conversas, chamados. Começavam a mandar buscar cousas ao armazém. Tijolos de goiabada, rapaduras e bolacha doce, latas de sardinha, ovos e toucinho para fritadas, varas de lingüiça, para comezainas improvisadas.

Outras casas de negócio vizinhas também abriam, para servir à sua freguesia. Havia movimento em toda parte, como se fosse de dia.

As pessoas que chegavam de outros lugares queixavam-se de que o calor aqui no armazém ainda era mais insuportável que lá.

De repente ouvimos um estouro forte, dentro do balcão; era um barril de melado que arreventava, espumando. Um dos caixeiros que fora servir a um freguês avisou ao patrão que as velas de sebo e as barras de sabão estavam pegadas, tudo quase como uma pasta.

Todos os que bebiam ao balcão, queixavam-se e reclamavam que os refrescos estavam mornos. Veio um negro buscar uma galinha, que o seu senhor queria comer uma canja, para passar o tempo...; o caixeiro que foi ao galinheiro voltou, atarantado, a participar ao patrão que as aves todas estavam assoleadas e já morto um peru gordo.

O espanhol, corado, pingando suor, e sempre em ceroulas e de pala enfiado, correu para os fundos.

Mira! Que cosa bárbara!

Do lado do arroio vinha uma algazarra alegre, gritos, gargalhadas, ditos: era o povo que tomava banho!

Nós todos no armazém suávamos como tampa de panela. Um estancieiro, freguês da casa, pediu um chimarrão; o primeiro caixeiro amarrou a cara, porque era estopada ir-se aquecer água àquela hora, mas mandou preparar o amargo. Saiu e voltou logo o peão com os avios e a "chocolateira" com água, fervendo em pulo, e de entrada foi dizendo:

- Eta, diabo! ... Lá na cozinha "tá" tudo fervendo! ...

Aquilo estava esquisito, estava... Nunca se tinha visto um tão curioso calor em junho, entre Santo Antônio e São João, que é o tempo justo em que a geada cura as laranjas e branqueia como farinha, no terreiro e nos telhados.

E o espanhol, bufando, repetia:

- Que cosa bárbara! que cosa bárbara!

Eu, bem se imagina, estava atarantado com tudo aquilo; e sentindo a roupa empapada, com receio de alguma constipação, resolvi mudar outra, enxuta ... e esgueirei-me para o quarto.

Quase não pude entrar, sufocava, lá dentro; era um forno. Contudo, avancei até a minha canastra: era insuportável, aí perto.

Então, só então, como um raio, foi que me lembrei do meu cobertorzinho!

Era ele, só ele, o calor, a quentura da sua lã, que estava causando todo aquele estrupício na cidade.

Fiquei aterrorizado..., se o espanhol descobrisse!

Muito caladinho, apressado, dobrei-o, amarrei-o e atirei-o para o fundo da canastra, que fechei com o cadeado.

E disfarçado, vim para o balcão, com os companheiros. Daí a pouco começou a abrandar a torreira' foi abrandando; veio a viração da madrugada; já se respirava melhor. Surgiram as barras do dia e todos se foram deitar, para aproveitar ainda uma hora de sono.

Nunca ninguém soube disto. Dias depois, para tirar-lhe as pulgas, estendi o meu cobertorzinho ao sol.

Foi o meu prejuízo: combinaram-se a quentura da lã e o calor do astro... e pegou fogo!

Quando fui levantar a minha coberta, era pura cinza..., e nem fumaça tinha havido! Olhem que era cobertorzinho quente, aquele!

XII - A TETÉIA

Pois sim! ... Venham-me pra cá com histórias de cachorros bem-ensinados e obedientes! Igual, pode - e ainda duvido! - porém melhor que a minha perdigueira Tetéia não há nem houve..., e talvez até nunca haja!

Contaram-me como grande cousa um caso dum barão alemão, um tal Münchhausen, que possuiu uma cadela lebreira, a qual, estando grávida, mesmo assim correu uma lebre que, por coincidência estava também grávida. Correram, correram muito as duas próximas mães... e tão próximas que durante a corrida a lebre teve as lebrinhas e a cachorra os cachorrinhos. E como a raça não nega a traça, os cachorrinhos largaram-se logo a correr atrás das lebrinhas, enquanto que a cachorra recém-mãe continuava a correr atrás da lebre também recém-mãe...

Sim, senhor! era um bom animal, não nego: mas a Tetéia era melhor.

Escutem e julguem.

Uma manhã saí a caçar perdizes e levei a Tetéia.

Eu não conhecia o campo, e isso foi a causa de um grande desgosto para mim. Mal entramos no macegal, a Tetéia amarrou, toquei-lhe com o joelho na anca, ela andou uns passos: a perdiz levantou-se no vô e flechou! Pum! Tiro dado, perdiz em terra, e Tetéia, trazendo!

E assim, de enfiada, foram-se os cem cartuchos que eu trazia: cem perdizes em meia hora. E note-se que eu errei dois tiros e cinco cartuchos falharam.

Sentei-me e comecei a atar as minhas perdizes, pelas pernas, para pô-las ao ombro e regressar.

E, distraído, esqueci-me da chamar a perdigueira e fazer-lhe compreender que estava findo o divertimento. Esqueci-me; e quando, tudo pronto, ia a marchar, só então lembrei-me da cachorra.

Chamei: Tetéia! Tetéia! assobiei, fiz os sinais costumados..., nada! Estranhando o fato arriei o fardo das perdizes, e andei a procurar, sempre chamando, assobiando, e nada, nada de resposta!

Supus então - naturalmente - que a perdigueira, desobedecendo pela primeira vez, tivesse ido para casa, sozinha, antes de mim. Era um procedimento de cachorro, mas vá lá... por uma vez! E assim pensando, fui-me embora.

De chegada indaguei. Não, não tinha aparecido. Causou-me espécie aquela demora; depois, quem sabe..., algum namoro...

Esperei, chegou a noite, o outro dia; e nada de Tetéia!

Tive então um pressentimento funesto... nem me restava mais dúvida: a honesta perdigueira certamente havia sido picada por cobra... alguma cascavel, alguma viradeira medonha, e a esta hora! ... Pobre, pobre... infeliz bicho!... Fiquei realmente paralisado, triste.

Para distrair as mágoas e variar de comida e emoções, andei caçando veados para outro rumo; marrecas, nos banhados; quatis, tatus, etc.; e fiz várias batidas num tigre fugido de gaiola, que não apareceu nunca, talvez assustado da minha fama.

Foi até uma imprudência esta batida ao feroz tigre; eu não tinha cachorros próprios e os companheiros falharam-me à última hora, alegando cada qual a sua razão; um que tinha de arrancar batatas, outro que a mulher estava para cada hora, outro que fincara um estrepe no pé ... enfim, deixaram-me sozinho, justamente quando ali perto, à vista, o tigre urrava tremendamente, como desafiando!

Pois fui, sozinho: eu e a minha faca de mato; apenas por segurança, para ter o alarme certo, levei um gato num cesto, porque o gato é um animal muito elétrico e de longe já sente a catina do tigre, e dá logo sinal que não engana, nunca. Se é de dia, fica de pêlo eriçado e duro, como arame, e mia duma forma muito particular; são dois miadinhos curtos e um comprido, dois curtos e um comprido; se é de noite, apenas bufa e lambe as barbas, ficando então o pêlo fosforescente, como vaga-lume. É claro, pois, que quem leva gato não corre o risco de ser surpreendido por tigre; muito antes deste aproximar-se já o caçador está avisado e tem tempo de sobra -de preparar-lhe a espera.

Deste fato, creio mesmo que e que nasceu a expressão vulgar de que - quem não tem cão, caça com gato.

Com estas distrações e outros que fazeres, passou-se o tempo; de vez em quando e sempre com pesar e saudade, Lembrava-me da desaparecida Tetéia.

Dediquei-me então a ensinar um cachorrinho, filho dela, o seu retrato escrito e escarrado, que me havia ficado.

Há dias - meses passados - levei o cachorrinho ao campo, para exercício. E andando, andando, sem dar por tal, fui ter ao lugar certo daquela malfadada caçada em que se sumiu a minha maravilhosa perdigueira.

E, dum lado para outro, eis senão quando, o cachorrinho pára, amarra.., levanta a pata, sacudindo a cauda! Chego-me, toco-lhe com o joelho.., e quando espero que o totó vai levantar a perdiz, ele volta-se para mim, desarrumado, humilde, com os olhos arrasados de lágrimas... Surpreso, dei três passos, estiquei o pescoço e vi...

Vi, sim, o esqueleto da Tetéia ainda de coleira, firme, correto, na posição de amarrar; adiante, um esqueleto de perdiz, na posição de preparar o vôo; ao lado, num ninho quase desfeito, sete esqueletinhos de filhotes, na posição de piar, com fome! ...

Querem mais claro? ... E agora, cousa notável, foi ainda o faro filial que guiou o cachorrinho e fê-lo descobrir e chorar perante os ossos da mãe!

Pois, e então?

A cachorra do Münchhausen será acaso superior à Tetéia? Só se for porque ele era um barão, e eu sou apenas... o Romualdo.

XIII - TRÊS COBRAS

Sempre que ouço falar em cobras, benzo-me, em sinal de gratidão à divindade, por estar ainda hoje vivo, e aqui, com saúde, para poder referir o passado comigo.., e elas.

Quisesse eu contar casos de cobras... Registro apenas um terço, por causa da circunstância de ter sucedido durante uma só viagem.

Foi no tempo da guerra do Paraguai. Eu era cadete; o meu regimento seguia, pela campanha, recebendo a incorporação de piquetes de recrutas mandados de vários lugares: já se vê portanto que muita gente presenciou o acontecido.

E que muitos já morreram, outros extraviaram-se, e se não, eu apresentaria testemunhas, isto se alguém me duvidasse, o que não espero: felizmente sou tido e havido por homem de palavra!

Primeira cobra.

Uma tarde, ao lusco-fusco, acampamos junto a um pedregal; arrumada a cavallhada, oficiais e soldados, soprando nos dedos, fomos fazendo as camas nos arreios, e como o cansaço era grande, só se fez uma fogueira, e quem pôde aí perto deitou-se, com os pés para o braseiro.

Eu fui dos felizardos da quentura... Mas também o único de negra sorte, nessa noite.

Deitei-me; como de costume, fiz uma reza a São Romualdo e adormeci, sonhando com uma moça que no caminho me havia dado um pires de doce de coco.

Depois o sonho foi passando para aflito; eu era chão, chão de terra, e em cima de mim, chão, um gigante, parecido com o corneteiro do regimento, estava enroscando uma espia de navio, grossa, como um braço de homem, e fria, fria, como água de pedra...

E o gigante alava a espia, alava e ia-a enroscando, volta sobre volta, em cima de mim.

Depois eu já não era mais chão, era eu mesmo; queria agarrar o pires de cocada da moça, mas não podia, por causa do peso da espia; e do peso me veio vindo um pesadelo, que me dava a idéia de uma imensa lingüiça crua, enrolada e achatada sobre o meu rosto, sobre a garganta e o peito.

Quando o pesadelo foi me tomando por completo, quando eu ia gritar e bracejar para livrar-me da sufocação... o nariz entrou em função e pôs-me alerta; e acordei-me.

O nariz acusava o cheiro acre de uma catinga, catinga de cobra, que chega a arder lá dentro, nas voltinhas do cheiramento.

Despertei, disso.

E senti o horror da minha situação. Exatamente como eu havia sonhado o gigante enrolando a espia, assim estava enroscada sobre a minha cara e pescoço e peito uma tremenda cobra; pesava como chumbo, cujo frio trespassava-me, cuja catinga me sufocava!

E dormia, muito a seu gosto, o monstro, aproveitando o calorzinho do meu corpo! Sentia-lhe a respiração curta, um nadinha assobiada; pareceu-me até - isso não garanto, mas pareceu-me - que a cobra ressonava...

Que posição, hem?... Mexer-me., era acordá-la; gritar., ia assanhá-la, levantar-me, de salto, uma loucura; dar-lhe um bote à cabeça, apertá-lha pela goela... mas, no escuro, se em vez do pescoço eu agarrasse-lhe., o rabo?...

No perigo é que se aprecia a calma dos homens.

Com mil cautelas tirei do bolso o naco de fumo, piquei-o, sovei uma palha, enrolei um grosso cigarro e comecei a pitar... a pitar... a pitar... puxando umas fumaças tão encorpadas, tão espessas, que se fosse dentro de casa fechada nubliariam os aposentos! Ao cheiro ativo do forte fumo crioulo a bicha moveu-se...

Deu-se com ela o que se havia dado comigo; o meu nariz despertou-me pela catinga dela; o nariz dela acordou-a pelo sarro do meu fumo. Estávamos a mano, de nariz.

A cobra acordou-se, deu uns seis ou sete espirros e foi se desenrosquilando, escapando-se furiosa, lanceando o ar, com a língua.

Eu, fuma que te fuma! E vá fumaça pelas ventas, vá fumaça!...

Para encurtar o caso: nem sei para que lado ela tomou, a noite estava muito escura, o lugar muito carregado de fumaça e eu muito cansado de pitar e com frio.

Virei-me para a parede e tornei a ferrar no sono.

Segunda.

Foi poucos dias depois. Vínhamos em marcha forçada; alta madrugada o regimento fez alto. Trazíamos umas novilhas gordas, que foram logo abatidas para um rancho apressado, de churrasco.

Fazia um frio de rachar pedras.

Acendeu-se uma grande fogueira e cada um tratou de chamuscar o seu pedaço de carne.

Eu saí a procurar um espeto para o meu assadinho. A noite era muito escura, mas graças ao clarão da fogueira descobri uma pequena reboleira de mato, ali perto. Aproximei-me e quando ia cortar um galho qualquer, caiu-me ao chão a faca, abaixei-me para apanhá-la dentre as ervas, e com tal sorte, que ao lado dela encontrei um pedaço de pau tal e qual como eu queria: duma meia braça, grossinho, liso, e o que mais é, já com a ponta feita.

Por certo que seria um espeto já pronto que algum dos camaradas perdera; melhor para mim!

E ainda bati com ele no chão para limpá-lo duns capins secos, e terra que estava pegada.

Voltando, atravessei o meu churrasco no meu espeto achado, e finquei-o na beirada do fogo.

Vinha clareando o dia.

Por toda parte branqueava a geada, alta de dois dedos, geada farinhenta,. que é a mais fria de todas. Estava eu um pouco arriado, conversando, quando um cabo, baiano, que viera acender o cigarro numa brasa, gritou, olhando para o chão, admirado:

- Olha o assado com o espeto, cadete Romualdo, que vai-se embora!...

Julguei que era algum gaiato que pretendia furtar-me o churrasco; mas o baiano repetiu:

- Acuda, seu cadete, que o assado vai de trote!...

Corri, e que vi?...

O churrasco, sim senhor, borrifado de salmoura, já chiando na gordura, que ia andando pelo chão., dava a idéia de um cágado sem pernas, mas de cabeça é cauda mui compridas! ...

Acudiram então outros rapazes, muitos, quase todos: e todos viram o churrasco arrastando-se, fugindo da fogueira.

Então rompeu o sol. Foi quando se pode verificar a cousa: o espeto era uma cobra!

Como estava dura, dura de frio, agüentai a todo o trabalho de atravessar o churrasco e ser cravada ao lado do fogo; depois o calor começou a assar a carne e a aquecer o espeto, isto é, a cobra, que se foi reanimando, revivendo. E logo que ela sentiu-se quentinha e de saúde, tratou de escapar.

Com o alarido e o movimento a cobra assustou-se, fez força e desfincou-se do churrasco, escondendo-se logo num buraco ali adiante.

Este caso foi muito falado naquele tempo.

Terceira cobra.

Isso deu-se depois, já no regresso do regimento, depois de entregarmos os recrutas.

Seria uma hora da tarde; tempo seco; pesado.

Vínhamos numa troteada rasgada, levantando poeira, na estrada.

Eu estava morto de sede; avistando à direita um mato, calculei que ali devia haver algum olho-d'água e pedi licença ao meu alferes para chegar até lá num galope.

Concedida; mas logo outros não se sofreram e imitaram-me e fomos, como uns sete, beber umas goladas d'água fresca.

Apeei-me eu, primeiro; e quando, já de beijo preparado para o chupão, ia debruçar-me, atirei-me pra trás, porque a meio palmo da cara vi, enroscada e furiosa, já silvando, uma cobra roxa, de umas tais que tem cerdas crespas, que nascem debaixo de cada escama da casca.

É a cobra chamada "viradeira", porque qualquer animal por ela mordido vira-se logo de papo para o ar, estrebuchando ou logo morto.

É cem vezes mais venenosa que a cascavel.

- Mata, Romualdo, senão ela vira-te!

Não esperei segundo aviso; foi só o quanto desafivelei o loro com o estribo, e fazendo deste arma, desferi uma pancada mestra sobre a cabeça da "viradeira".

Porém, ligeiríssima, a cobra ainda atirou um bote ao estribo, que era de prata, e tiniu, com o choque da dentada.

Porém matei-a.

Com a impressão do acontecimento e porque a bicha ao morrer caísse e se estorcesse n'água, todos, de nojo, perderam a sede.

Apresilhei novamente o estribo, montei e galopamos para alcançar a força, já distanciada.

Logo correu conversa sobre a cobra, aquela, e sobre outras, que não as conhecia, eu: oficiais e soldados, cada um muito honradamente esfolou a sua cobra.

Continuávamos a trotar, quando comecei a sentir o pé apertado no estribo e o cavalo meio derreado, como se trouxesse todo o peso a um lado.

Parei para examinar a esquisitice: era o estribo que ia inchando, a olhos vistos envenenado pela bruta peçonha da "viradeira", e conforme ia inchando apertava-me o pé, que já custei a retirar; e o peso da inchação ia sobrecarregando cada vez mais o cavalo...

O comandante veio ver o estribo inchado; o major veio ver: e vieram os capitães, os tenentes, os alferes, os cadetes, os sargentos, os cabos, os furriéis, os rasos.

O capitão-cirurgião ainda falou em lavar o estribo com cachaça, fumo e sal, a ver se ele vomitava..., mas o regimento não podia demorar-se, e eu fui obrigado a abandonar na estrada o estribo, que já estava como um trambolho, inchado e balofo e meio azinhavrado, tirante a verde de defunto passado...

- Cadete Romualdo! Que dentada, hem?... dizia o comandante.

- Que veneno! ... dizia o major.

- Que cobra! ... diziam os capitães.

Que "viradeira"!..., diziam os pica-fumo.

- Pois sim! Vão cantando, dizia eu ... O que vale é que todos viram!

XIV - A ENFIADA DE MACACOS

Quando estive no sertão de Goiás vi uma cena horrível e rara, talvez única: vi uma jibóia engolir toda uma enfiada de macacos!...

Eis como:

Sabe-se que quando os macacos querem atravessar um rio, não largo, o bando sobe a uma árvore alta, à beira d'água, e lá uma vez em cima o capitão, que é o macaco chefe, engancha o rabo num galho forte, dela; outro vem e engancha o rabo à volta da cintura do primeiro; o terceiro, no segundo; o quarto no terceiro, e assim por diante, até o derradeiro; e quando assim estão todos presos, uns aos outros, e portanto pendurados, como uma corda, nesse jeito começam a balançar-se... a balançar-se...; e mais, e mais; nesse balanço de vaivém a enfiada ganha impulso.

É como uma pêndula de relógio ou como um badalo de sino, tal e qual!

Quando o macaco, da ponta de baixo consegue agarrar um ramo na margem oposta, prende-se a ele firmemente, marinha pelo tronco acima e dá um grito: então o macaco da ponta de cima - o capitão - da outra margem solta-se, e - pronto! - a enfiada atravessou o rio..., a pé enxuto.

Ora, uma vez que, silenciosamente, para não despertar os jacarés, eu descia em ubá. um braço de rio, justamente numa das voltas topei com uma enfiada que se balançava, para fazer a travessia.

Parei logo de moita para ver a interessante manobra.

Num dos balanços o macaco - ponta - prendeu-se a um galho forte de uma enorme sucupira: mas quando ia a galgar tronco acima, uma senhora jibóia, uma jibóia - senhoria! - abocou-o, faminta, e já o foi engolindo, como quem não encontra carozo nem espinha...

Com a dor do abocanhamento o pobre macaco gritou desesperadamente; o capitão, na outra ponta, julgando que era o sinal, despreendeu-se..., e a enfiada inteira bateu na água do rio!

E tanto que caíram n'água, os macacos todos taparam os ouvidos com as mãos ... mas não se desenrabaram!

Fiquei com lástima daquela atrapalhação e pus-me, e gritar-lhes:

- Estúpidos! Soltem os rabos! Burros! aproveitem enquanto ela papa o primeiro! Desenganchem!....

Qual! Os burros faziam-se caretas, guinchavam e não atinavam com a salvação, tão simples!

A jibóia nem o trabalho teve de mover-se: engoliu o primeiro, o segundo, o terceiro... e assim todos.

O último macaco, o capitão, que era portanto o único que tinha a cauda livre, quando o companheiro da frente - o penúltimo, pois - ia entrar para a goela da jibóia... o último macaco, quando isso viu, teve um rasgo de herói, que me comoveu até às entranhas: disse adeus de mão para os dois lados, e, enroscando no pescoço a própria cauda ... suicidou-se!

A jibóia, talvez admirando aquele valente, não o tragou; mal engoliu o penúltimo, com a dentuça atorou-lhe a cauda..., e então caiu sobre a barranca o corpo ainda quente do capitão da enfiada: o suicidado... E eu toquei a minha canoinha pra diante...

XV - O GRINGO DAS LINGÜIÇAS

Bom é o dito: viver, não custa, saber viver é que são elas!...

Estrangeiro é que é gente mestraça para saber arranjar a vida, de um nada faz muito e quando um de nós mal se precata vê o tal homezinho embandeirado, cheio de boas patacas e ... sempre chorando pitangas...

Conheci muito - quase na estrada do Caverá - um gringo ruivo, torto, de cabelo à escovinha, chamado Domenico, o qual tinha um boliche mui arrebetado, localizado ao lado de cá do Passo do Mutuca, sobre um galho do Ibicuí da Armada.

O lugar do arranchamento parece que foi escolhido a dedo: era trânsito obrigado de carreteiros, tropas, cargueiros e quaisquer andantes. E todos, de comitiva ou escoteiro, antes ou depois de varar o passo, faziam a parada certa no Domenico, que tinha boas sombras, boa aguada e bom potreiro.

O gringo era sabido ...

A venda só tinha uns garrafões de canha, rapaduras, queijo e alguns surrões de ótima erva-mate; já de matreiro o dono não supria a casa - pelo menos à vista - porque tinha receio de algum saque se mostrasse fartura nas prateleiras... sim, que araganos por aqueles pagos era cisco!

O que fazia a especialidade do Domenico era o amargo, e acima do amargo a comida: era só lingüiça com ovos. Só, só, só: mas era uma senhora comida!

Quem chegasse - a que hora fosse - se pedia de comer, lá vinha a lingüiça com ovos...

E apesar de que o diabo cobrava-se a lo largo, o cobre não aparecia; entrava aos punhados - balastracas, bolivianos e até onças! - porém ele chorava sempre, que mal "guadanhava" para sustentar os filhos, que eram uma ratatulha.

Por uma causa desconhecida, porém infalível, aquela redondeza era também a cancha certa da cachorrada gaudéria.

Em toda esta minha longa vida, nem antes nem depois, nunca vi tanto cachorro chimarrão! Creio porém que seria o cheiro das fritadas que atraía aquele bicharedo: era como uma isca cheirosa que voava no vento e entrava pelas bibocas e restingas chamando os chimarrões...

Todo o vizindário queixava-se de que a cachorrada baguala comia-lhe ovelhas, terneiros, potrilhos, vacas magras e até a criação do terreiro; todos se lastimavam dos prejuízos...

O Domenico, não.

Uma ocasião, por motivo de grandes chuvas, fiquei ilhado no Domenico; quando melhorou o tempo e dispunha-me a seguir viagem, fui atacado de violenta nevrálgia, que por uns quantos dias trouxe-me de canto chorado...

Ora, quando, a poder de folhas de mamono aquecidas com sebo de carneiro, melhorei o meu tanto e resolvi marchar na manhã seguinte, justamente nessa noite foi a casa do Domenico assaltada por uma pandilha de ladrões. E por mal dos pecados, estávamos sós; de homens: eu e ele.

O gringo era passado nestas cousas... vi logo que não era esse o primeiro mondongo que ele pelava...

Não se acobardou com o perigo; ao contrário, reforçou as trancas das portas, fechou toda a família num quarto do centro da casa, pôs as roncadeiras, de dois canos, e a munição, em cima do balcão, empinou um trago gordo, convidou-me para ajudá-lo e apagou todas as luzes.

Eu nem se pergunta - já se vê, estava pronto; amartilhei as minhas pistolas e desembainhei os meus facões.

Os assaltantes, do lado de fora, junto à janela, cochichavam; de repente fizeram um alarido e meteram ombros à porta, forçando-a. Nós, quietos.

O Domenico soprou ao meu ouvido:

- La casa é di pau a pique, barreata...

Compreendi logo o partido a tirar e comecei a defesa, enérgica. Tiro sobre tiro na parede que dava para o terreiro, e que era a do assalto. Como as pistolas eram especiais, de dupla carga em cada cano, cada tiro, cada bala, varava a parede como se esta fosse manteiga!

E, tiro dado, bandido no chão!

O gringo fazia como eu; por fim já quase não podíamos respirar, de cerrado que tudo estava de fumaça. Com o cheiro da pólvora começamos a espirrar, e aproveitei logo esse recurso, espirrando e fazendo o Domenico espirrar, em tons diferentes e em pontos diferentes...; e vá tiro!

Com essa hábil manobra sucedeu o que eu previa: os bandidos julgaram que havia muitos defensores entrincheirados dentro da casa - pudera! tanto espirro e tanto tiro! - e rasparam-se, carregando os mortos e feridos, que deviam ser muitos, pelos meus cálculos.

Suspendemos o tiroteio; tranqüilamente acendi um cigarro no cano da pistola, que estava em brasa. E como não havia mais perigo urgente, resolvemos deixar o exame do local do combate para de manhã. Acendemos a candeia e refrescamos as armas.

O gringo apertou-me a mão, calorosamente agradecido, e declarou-me, a queima-roupa.

- Dopo mafiana voi no mangerete piü linguice in questa casa mia...

E foi soltar a sua gente.

Julguei que com o susto o coitado estivesse variando.

Deitei-me e dormi até sol alto. Apenas desperto lembrei-me do assalto noturno e saltei do catre para ir ver os estragos que houvesse.

O terreiro apresentava enormes manchas de sangue, além de pequenos regatos onde ele estava empoçado, coalhado, e espalhados pelo chão (que o Domenico deixara para eu ver - e que os bandidos perderam por ter sido a noite muito escura) encontramos uns quantos dedos de mão, vários pedaços de nariz e de orelhas, três retalhos de bochechas, alguns bocados de miolos arrebetados e chamuscados pelas buchas, uma tampinha de joelho, um pé inteiro, atorado pelo tornozelo, ainda calçado com o pé da bota e a espora, e muitos outros vestígios da carnificina que havíamos feito, aliás sem esperar aquele montão de avarias. Enterramos aquela pedaçarria pondo-lhe uma cruz ao lado!

Fomos almoçar. Tive então, e clara, a explicação da frase do Domenico, na véspera: não havia lingüiça à mesa!

Galinha ensopada, uma paleta de ovelha, assada, e canjica de milho branco. Era uma novidade completa! Verdade que eu não estava almoçando na mesa do boliche e sim na da família do gringo.

Ele, então, abriu-se:

- Voi, qui, non mangerete piü linguiza. Vi diró perché e solo a voi, per gratitudine!

E disse-o, assim, que eu repito em língua de gente, por não obrigar ninguém a traduzir:

- "Signor" Romualdo, já reparou como comem os diversos animais?

- Não, Domenico!

- Repare, "Signor", e curioso e instrutivo, O gato, come devagar, esparramando a comida, escolhendo, catando, jeitosamente pegando, largando o pedaço; o porco, atola o focinho no cocho, mastiga tudo, misturando, batendo a queixada, babando-se, roncando; o boi, deita de lado a língua, para apanhar o pasto; o cavalo, corta-o, delicadamente; a galinha vai de ponta de bico; o urubu, a bico e unhas, estraçalhando... mas o cachorro! o cachorro! ... come esganado, sôfrego, às bocadas, tudo inteiro, sem mastigar! Parece que em vez de meter a comida dentro de si, parece que ele é que se quer meter pela comida adentro. "É vero, Signor?"

- Sim, Domenico, é assim mesmo!

Ebbene! Aqui os vizinhos todos lastimam-se por causa do cachorro chimarrão; eu, não, ao contrário: gosto! Pouco muito trabalho, "Signor" Romualdo. É com eles que faço as lingüiças para os andantes..., mas deles, não é a carne que eu quero, "Signor", são as tripas. Dellcate, fine, mervegliose!"

É assim:

O cheiro das fritadas atrai muito os cachorros baguais; vai então, por isso, lá dentro do galpão penduro um pedaço de lingüiça frita de bom tamanho, e bem alto, para eles não lhe chegarem. Vem o primeiro farejando, outro e mais outro vem; enfim dezenas de cachorros vão chegando, apenas no ar o cheiro da fritura anda voando! ...

Quando o galpão está cheio, fecho a porta e começo a laçar os cachorros e ponho-os todos na corrente, cada um no seu palanque, lá detrás da horta.

Comida, nada; água, sim, à vontade. Assim, durante uma semana os vou limpando perfeitamente; aquelas tripas ficam que nem resma têm, mais... perfeitissimamente limpas.

Nas vésperas de um precisar, só então começo a dar água com sal, uma salmourita leve, para manter o apetite...

Enquanto isso, mato os porcos, as ovelhas, ou as vaquilhonas, conforme a conta, isto é, conforme os cachorros que tenho em compostura, isto é, conforme a quantidade de varas de tripa que calculo em cada um, conforme o respectivo tamanho:

Bem, carneio as reses, pico toda a carne, tempero-a e deixo ficar uns dias, para tomar gosto, cada porção separada para cada cachorro, conforme o tamanho, na competente gamela.

A tudo isso, nos bichos, salmourita fraca!

No dia marcado para a fabricação, vou levando as gamelas e pondo em frente de cada chimarrão.

"Per la madonna! Signor Romualdo!" aquilo é em dois tempos!... Uhn! ... uhn! ... uhn! ... e zás! come, que comer inhact! inhact! ... às bocadas, aos punhados, ao montões, sofregamente, esganadamente, inteiro, sem respirar, às goladas, sem provar nem mastigar nada! É uma cachoeira pra dentro!

Mal o chimarrão acaba de engolir e pega a lambar a gamela, então aproveito a ocasião...

Mato o cachorro! abro-o, amarro as duas pontas - o principio e o fim - da tripa... e pronto, tenho uma lingüiça bem-feita, grossa, parelha, e que me não deu trabalho nenhum para encher...

Depois é pôr na vara a arear e ir cortando os pedaços para fritar, conforme o número de gente a servir, e pra bonito, enfeitar sempre com ovos estrelados por cima. É "meraviglia!"

.....
Tive, a modo, uns engulhos, e tratei de montar a cavalo.
Aquele gringo ... aquele gringo era das Arábias!...

XVI - A MORTE DO GEMADA

Ah! descuidos! descuidos! ... Quanta desgraça, quanta perda, quanta tristeza eles causam..., e a gente não se emenda, sempre a cair neles!

Por um descuido tive já um grande desgosto. Foi assim:
Andávamos numa caçada de tatus.

Havia muito.

Para não perder tempo a cavar o buraco até tirar o tatu, e enquanto cuida-se de um, outros escapam-se, eu usava assinalar as tocas: a primeira, a segunda, etc. e assim por diante as que encontrava ocupadas, de forma que num momento garantia seis, oito, dez tatus.

Para assinalar o processo é simplíssimo: achado o tatu, cava-se um pouco, até descobrir-lhe a cauda, e então, com uma embira ou cipó, amarra-se na dita cauda uma estaca, formando cruz. E pronto. Larga-se. O tatu procura logo cavar pra diante, é claro, mas não avança, que a cruz do rabo, ficando atravessada na boca da toca, não deixa.

Percebem?

Experimentem:não nega fogo!

Pois um dia, não tendo à mão uma estaca, e para não perder tempo, amarrei pelo rabo um enorme tatu ao cabresto do meu estimado cavalo baio, o Gemada.

O tal senhor tatu foi cavando..., cavando... entrando terra adentro: o cavalo, muito dócil, sentindo-se puxado, cedendo e foi indo...

E o tatu foi penetrando ... e o cavalo foi cedendo.

A boca da toca era grande; o Gemada, muito manso, meteu o focinho, a cabeça, lá dentro; o tatu puxou mais e o cavalo cedeu, ainda. Quando não pôde ceder mais, e justamente por isso, o tatu fez ainda maior finca-pé. Quem é caçador sabe que força tem no rabo o tatu...

Travou-se por certo luta renhida: o cavalo puxando para fora e o tatu para dentro.

Quando voltei ao lugar encontrei o meu Gemada sufocado, asfixiado, morto, com a cabeça como uma rolha metida no gargalo da toca! ... E ainda perdi o cabresto, que tive de cortar.

Quase um ano depois, vim a pegar aquele mesmíssimo tatu, que conheci porque ainda trazia de arrasto o dito cabresto... apenas com as argolas mui gastas de roçarem pelo chão. Uma cousa de admirar foi o bem atado que ficou; verdade que fiz - como de costume - um nó de sogá, a preceito, legítimo nó de Romualdo!

XVII - ESSÊNCIA DE CACHORRO (NOVO MÉTODO PARA CAÇAR)

Arrotam os europeus grandes fumaças de sabedores em cousas de caçadas; mas como de presunção e água benta.., deixá-los lá.

O que têm eles, de bichos caçáveis - graúdos ou miúdos - mais ou melhor que nós outros?

O javali? Ora qual! O javali é como o nosso porco-do-mato.

O urso? Deixa! O urso de lá é como o... tamanduá-bandeira, nosso.

Têm eles a onça, o jacaré, a sucuri, o bugio? Nem sombra disso.

A perdiz? Sim, têm a perdiz, mas é preciso notar que a perdiz, lá, é quase criada como as nossas galinhas, em cercados. E não têm o perdigão, o perdigão soberbo, que salta no vôo, encastela no ar... paira um momento, e logo desfere numa flechada comprida, para o pajonal...

A marreca? Vá lá, têm marreca... porém marreca de tanque, nascida e criada atrás das casas, quase a comer milho na mão! ... Mas não têm, nem tiveram, nem terão nunca as nossas bandadas de marreca assobiadeira, de marrecão do banhado, nem o maçarico-carão, que voa em fileira, como soldados em forma. Afora o alho!

E é engraçado: não têm caça ... mas cachorros, matilhas, têm em quantidade e regularesinhos. Foi sempre o que achei esquisito: cachorrada imensa, para caça vasqueira.

Pode lá ser também um luxo daqueles duques e barões e outros topetudos de dinheiro.

Eu, por mim, nunca me embarcei para caçar - de pêlo ou de pena - por causa de cachorro. E já agora, que vivo arredado desses prazeres, por motivo de muitos encargos de outra espécie, resolvi revelar e ensinar aos meus confrades em venatória o processo que usei e que pareceu maravilhoso a muitos sujeitos mestres, caçadores provados, porém aos quais, sempre - desbanquei com facilidade.

Eles ralavam-se, mas qual! ... ficavam sempre na culatra!

Esse segredo eu o aprendi com um índio velho, em Goiás, quando por lá andei em busca do... Não digo agora a busca de quem, porque é também outro segredo, que não posso por enquanto revelar.

Pois o velho caboclo tomou-se de particular simpatia por mim, porque ensinei-lhe três cousas, novíssimas, e para ele, de alto mérito.

Ensinei-o a fumar charuto, e como logo mostrou-se um apaixonado pelo "tarbuco", ensinei-o também a fazê-lo, com aquele magnífico fumo goiano, muito superior ao havano, que tem mais fama que valia. Os nossos charutos não saíam lá grande cousa quanto ao feitio, mas de qualidade eram especiais. Punhamos-lhes anéis de folhas várias, coloridas com diferentes sumos e colávamos as capas com resina de benjoim, que é perfumosa.

Eram deliciosos os nossos charutos, principalmente depois de um regalado almoço de mocotó de onça, sucuri moqueada, picadinho de tromba de anta e rins de jacaré assados no espeto! E disso caçávamos todos os dias. Ainda hoje, crio água na boca ao recordar aqueles petiscos ...

Segundo: ensinei ao caboclo a fazer "omelettes". Cortava-me a alma o ver aquela gente perder ovos preciosos, chupando-os crus, como os lagartos, ou comendo-os assados no borralho. Ensinei então a fazer "omelettes". Batia as claras e logo as gemas em uma casca de tartaruga; em outra casca derretia banha de paca (que é finíssima) e dava o ponto, virando com duas espinhas de tucunaré, que é um peixe deste tamanho! ... Tostava com uma pedra em brasa e adoçava com mel.

O caboclo pelava-se pelo prato... digo, pelo casco de "omelette"; e as caboclas - modéstia à parte - traziam-me nas palminhas...

Terceiro: ao referido caboclo também ensinei a pregar botões na roupa.

Em troca desses serviços foi que o cacique, por sua vez, ensinou-me o precioso segredo que ao depois assegurou-me sempre a vitória em toda e qualquer caçada em que tomei parte e cuja conta perdi.

Disse o pajé:

- Branco, tu és o Romualdo! Tu tens o que chamas espingarda e facão tu tens, e tu, coragem tens! Mas, tens também cachorros, muitos; e Tupã só se alegra de fornecer caça aos guerreiros, mas não às alimárias do guerreiro!

"O mosquito também pode matar a anta, porque o mosquito é muitíssimo e a anta, uma só, e o muitíssimo mosquito, que é pequeno, vence a anta, que é forte, porém sozinha! E a piranha, que é pequenina, também come o mais valente guerreiro, porque é muitíssima."

"Portanto, branco, é cobardia ter muitos cachorros para caçar um bicho só, seja qual for. Ouve, Romualdo! Atenta nas palavras da minha boca. Tupã te fala de dentro da minha cabeça. Atenta, branco!"

"Todo bicho tem sua catinga, que é o seu cheiro, como as flores têm o seu perfume. A catinga de cada bicho é sua só, e nenhum outro tem-na igual. Ouve, branco: e os bichos conhecem os seus iguais e os seus inimigos só pela catinga, o bicho levanta o focinho pra catinga do outro bicho, e já conhece o perigo ou a paz."

Mas bicho sempre é bicho e o homem vence-o sempre, porque tem o hálito de Tupã dentro da sua cabeça. Ouve, branco ...

E na sua linguagem difusa, cheia de imagens, o caboclo falou horas esquecidas, dando a explicação da matéria.

É complicadíssimo o processo, mas isso explica-se pela dificuldade que o indígena tem de preparar os meios de que carece.

Posto, porém, em pratos limpos, para nós, civilizados, é fácilimo.

Por exemplo: o caçador vai para o mato com dez cachorros; de repente estes farejam... onça. Portanto - catinga de onça. A onça, por sua vez, também fareja os cães: portanto - catinga de cachorro.

Temos, pois, catinga contra catinga... Porém a onça, sendo uma, a sua catinga é menor que a dos cachorros, que são dez. Ora, aqui está a chave da receita.

Partindo desta regra, que é infalível, compreende-se desde logo o mistério. Basta o caçador dispor de algum recurso pecuniário para preparar as essências.

As essências, isto é:

O caçador onceiro tem de comprar uns duzentos cachorros onceiros..., escolhe e separa o melhor de todos eles para - figura - mata todos os outros e jeitosamente extrai a cada um a respectiva catinga.

Então, quando for ao mato oncear, leva apenas o cachorro - figura - para farejar e levantar o inimigo; no que o cão acuar, o caçador derrama-lhe no cogote sete gotas da essência da catinga dos duzentos cachorros... A onça, que de começo farejou um só cão inimigo, já sente agora a catinga dos duzentos... e desanima, acobarda-se, fica como uma ovelha; o caçador então pode chegar-se e sangrá-la, ou mesmo, se for destro, amarrá-la das quatro patas ... O bicho fica entregue... Está sob a impressão do terror de um cerco de duzentos cachorros... talvez até sinta as dores de já estar despedaçado aos golpes de tantos mil dentes... e, adeus! ... resistência! Era uma vez - uma onça...

O mesmo processo, ainda aperfeiçoado por mim, empreguei para a caça do veado, da avestruz, da perdiz, do tatu, etc.

O veado, perseguido pelo - figura veadeiro - (este, já se sabe, molhado com a essência de catinga de veadeiros) o veado, digo, não dispara quase, ilude-se pelo faro, julga-se acossado por dezenas de veadeiros... desanima, julga-se estraçalhado, morto, e então o - figura - aproveita e subjuga-o facilmente.

A avestruz também não corre; embalde ela vê que o cachorro que a persegue - o figura - é apenas um... mas a estúpida fareja muitos - na catinga do avestruzeiro -e... faz as mesmas cousas que o veado, e deixa-se prender.

A perdiz, da mesma forma: como que se sente rodeada de perdigueiros; que o campo está coalhado de perdigueiros... e que, tendo vôo curto, não poderia transpor a zona dos inimigos...

E... enfim, nem preciso pôr mais, na carta. Como se vê, por este processo, praticam-se prodígios, e como não sou egoísta aí deixo a receita do famoso - sistema Romualdo -que tantas invejas e calúnias acarretou ao humilde descobridor.

XVIII - O DIA DAS MUNHECAS

Fui sempre um homem metódico, cuidadoso das minhas contas e cauteloso nos negócios em que me envolvo. Não gosto de correr à aventura e menos assentar a minha barraca sobre a areia.

No decurso das minhas viagens, ora de prazer ora de estudo, observei que o negócio das tartarugas do Amazonas era um negócio... da China!

As cascas ou os cascos (não sei como convém dizer) das tartarugas, valem um dinheirão; a carne, em sopa, vale outro dinheirão, dos ovos faz-se uma espécie de manteiga, que vale um dinheirão ainda maior que os outros dois.

Resolvi, pois, fazer alguns cálculos preliminares e jogando com os algarismos - e todos sabem que os algarismos não mentem - cheguei a este resultado, satisfatório para um indivíduo modesto, como eu, Romualdo, prezo-me de ser.

Para fundar o estabelecimento adquiriria 1.000 tartarugas prontas a pôr; cada tartaruga, de cada assentada, desova 400 ovos ou sejam 400.000 para a primeira ninhada. No segundo ano, outros 400.000 ovos; no terceiro ano, as primeiras 400.000 tartarugas novas já começariam a pôr, na razão de 400 ovos cada uma, ou sejam 160.400.000 ovos para o choco do quarto ano; e assim, sucessivamente multiplicados e somados, tiradas as provas dos nove, os algarismos patenteavam que ao cabo de sete anos eu teria um viveiro de 7.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000 de tartarugas, e que daí em diante, com vigilância e economia, começaria então eu a desfrutar em manteiga de ovos, sopa e cascas (ou cascos) um regular rendimento, justa compensação do rigor do meu jogo de algarismos.

Isto assim assentado, parti para o Amazonas; fretei um pequeno navio e segui rio acima, munido de todo o necessário, inclusive muita lata de sardinha, pó de mosquito e uma grosa de garrafinhas de óleo de rícino.

Arrendei uma praia de desova e fiquei cinco meses à espera das tartarugas.

Enquanto isso, ia verificando os cálculos antigos e fazendo novos.

Um dia reuni todos os tabaréus daquela redondeza e expus-lhes o grande plano, propondo-lhes associarem-se comigo, tomando nós outras praias de 1.000 tartarugas a 400 ovos cada uma, no primeiro ano, 400.000 no segundo, etc.

Os tabaréus ficaram pasmados: de olhos parados, boca aberta... apenas coçavam o queixo ou a orelha ou a nuca... Era a força dos algarismos que os achatava.

Apenas um deles, cearense, magrinho, mascador de fumo, amarelo chumbado como um bacalhau seco, apenas o cearense, puxou as barbichas do queixo, cuspinhou preto e disse, pausado:

- Eh! Eh! A conta que mencê faz, é bonita! Sim, sr... e um contão! Mas porém o jacaré não deixa ela dar esse espicho de sernambi, nhor, não!

- O jacaré?!

- Nhor sim, o jacaré! Ele come mais tartaruga do que a que nasce! ...Jacaré e regatão... cruz! Até parecem irmãos gêmeos, de tão excomungados!

- Mas então o jacaré...

- O jacaré come tudo, patrão. Come todos os seus "garismos"; come pau, come pacu, come gente, e até o maior come o mais pequeno! "Tou" dizendo!

- Pois sim, mas o jacaré mata-se ... acaba-se com ele!

- Ah! mencê sabe acabar com ele, então, sim! ... Mas, porém, patrão ... Enfim mencê é homem "estruído", há de saber ...

No dia seguinte, começou a correr a voz que eu tinha jurado a matança dos jacarés do Amazonas e... coincidência ou pirraça, a minha praia começou também a ficar apinhada, amontoada, estivada, forrada de jacarés, de todo o porte.

Os tabaréus comunicaram-me que as tartarugas estavam a chegar, não tardariam para a desova, e que o sinal certo era aquele, dado pelos jacarés, que se preparavam para a carniça.

E cada manhã mais jacaré aparecia; já se empilhavam uns sobre os outros; formavam pencas, cachos.

- As tartarugas já chegaram - dizia o cearense - mas não sobem por causa deles.

- Ah! sim! bradei. Pois já amanhã limpo a praia! Não vê que Romualdo erra contas por causa de jacarés! ... Era só o que faltava!

Ao clarear do dia, antes do sol, chamei o cearense. Cada um meteu no bolso meia vara de lingüiça frita e bolachas e pôs em bandoleiras uma cabaça d'água. Armas, apenas duas machadas, afiadas, marca XPTO.

Tomamos a montaria, uma igara grande e forte, e vogamos até meio rio. De pé na canoa, bem em frente à nossa praia, começamos a observar para resolver como e por onde começaríamos o ataque.

Nisto, à minha direita, surgiu uma cabeça monstruosa, de jacaré velho, velhíssimo, tanto tinha os olhos enrugados. Surgiu a cabeça esgoelada e logo o corpanzil atirou-se para a embarcação; sentimos o bruto embate e imediatamente as munhecas do jacaré firmaram-se na borda da canoa, como para virá-la, de borco.

Aí, confesso, descuidei-me um pouco, não de medo, porque jacaré não me assusta, mas de pura piedade; porque vi que a fera -talvez arrependida - chorava, chorava a lágrimas grossas ...

- Vai-te, bicho! bradei.

- Meneê corte! gritou o cearense. O bicho chora por falso... Corte!

Num relâmpago lembrei-me das lágrimas de crocodilo, o que sempre julguei que fosse preta..., mas, não é, não: agora vi o jacaré chorar.

Travei da machadinha e paf! - fora, munheca de jacaré!

Imediatamente outro grandalhão surgiu ao lado do cearense; - paf! - bateu-lhe em cima a machada e as munhecas rolaram para o fundo da canoa.

O meu atacante foi ao fundo, o outro também.

Porém - que horror! - começou então o combate, como eu não esperava. Era jacaré sobre jacaré, uns após outros, em fila, aos três, aos pares, em grupos, todos abordando a canoa, esforçando-se por virá-la.

E nós, decididos, atentos, era só - paf! paf! - e corta que corta munheca e focinho e rabo de jacaré.

Em torno a água fervia como numa caldeira: era o bicharedo ferido, que se amontoava e revolvia furioso; nas praias outros agitavam-se, alarmados; e longe, nas barrancas, a minha gente, assistia àquilo, bestificada de admiração.

E nós, tranqüilamente, era só - paf! paf! - e corta que corta munheca!

A certa hora notei que tinha fome. Pudera, com aquele exercício! ... E já familiarizado com o inimigo, com uma mão ia decepando munhecas e com a outra tirei do bolso a lingüiça e a bolacha e fui comendo; e bebi água à minha vontade.

Mas sempre - paf! paf! - cortando munheca, porque os jacarés não diminuiram.

Com o exemplo o cearense fez como eu. Quando foi pelo meio-dia, eu já não enxergava mais o companheiro, pois que entre nós elevava-se uma pilha de munhecas, de mais de braça de altura.

Ouviamo-nos, mas não nos víamos.

Tendo almoçado fartamente, suando um pouco, sofrendo o calor e habituado à minha sesta, comecei a abrir a boca e a piscar os olhos, sonolento.

Então gritei ao cearense:

- Chega! por hoje, basta! Vamos para terra!

E para nos divertirmos e aliviar a canoa, fomos atirando munhecas cortadas para dentro das goelas dos atacantes. Pegaram a brigar uns com os outros e esqueceram-se de nós. E vá! e vá! demos-lhe um fartão. Enquanto eles se disputavam a carniça, abicamos na praia, e com lástima verifiquei que, de tanto golpe, tínhamos atorado a canoa pelo meio: dela só restava a proa, onde remava o cearense, e a popa, onde eu rabeava o leme; as machadinhas, essas estavam como meias-luas, desgastadas de tanto cortar munhecas!

Fosse pelo que fosse, já nessa noite poucos jacarés foram vistos sobre as areias da praia; no dia seguinte, menos ainda. Depois desabou uma cheia colossal do rio, inundou tudo e tudo levava na correnteza.

Tive que abandonar o meu estabelecimento, não pelos jacarés, mas por força da enchente, justamente quando devia começar a desova das tartarugas.

Ainda hoje, nas praias do Amazonas, quando estes ferozes bichos aparecem, basta que alguém - uma criança, uma mulher - basta que alguém grite: - Jacaré, olha o Romualdo! - e a fera, acobardada, envergonhada, desmoralizada pela lembrança daquela esfrega, foge, foge, a sete pés!

- Jacaré! Olha o Romualdo!

XIX - ATAQUE DE MARIMBONDOS

Certa ocasião tinha eu ido caçar uns tatus-rosqueira. Lindo dia: céu azul, sol a pino, nem nuvens, nem ventos, aragem branda.

Havia já sangrado uns quantos tatus e agora divertia-me a ver os restantes, cujas caudas eu destorcera, ocupados em atarraxarem-se novamente.

Estava, pois, mui quieto, moita, ativo apenas de olhos... Eis quando, adiante, vejo alguma cousa estranha: uma como nuvem escura, que subia e descia, alongava-se, adelgaçava-se, adensava-se... Pé ante pé, fui me aproximando. Houve então um confuso zumbimento irritado, forte, e, com extraordinária surpresa, verifiquei que era um colossal enxame de marimbondos!

Camoatins dos de barriga riscada, uns de grande ferrão, os mais ferozes que conheço. E, deitado no chão, tranqüilamente dormindo, um homem. Sujeito gordo, claro, muito ruivo.

Contra o meu hábito, fiquei embaraçado para tomar uma decisão.

Acordar o homem?

Sim... mas no ele mover-se, aquele perigoso exército de camoatins caia-lhe em cima e deixava o infeliz como um crivo, a poder de ferroadas!

Deixá-lo dormir? Mas, e depois? ...

A massa dos marimbondos crescia cada vez mais. O camoatim - a casa - que se via num galho da árvore que abrigava o ruivo, não podia comportar, era pequeníssima para tantos habitantes como os que revoavam por sobre o dorminhoco.

Reparei então que toda aquela massa escura e movediça dividia-se em lotes, que se não misturavam nem confundiam... Naturalmente o povo camoatim ameaçado passou aviso aos vizinhos mais de perto e cada um mandou um destacamento para reforçar a defesa comum.

Mas por que não atacavam eles? Por que não caíam sobre o homem, quando se sabe que camoatim não observa cerimônias para travar e ferrão em quem quer que seja?...

Ao contrário, parecia que eles hesitavam, consultavam-se...

Nisto apareceu uma outra nuvem de marimbondos, dos amarelos ...

Xi Deus! Era mangangás, estes, os temíveis mangangás amarelos, cuja picada dói... dói..., dói desde a véspera até o dia seguinte!

Compreendi, então: os camoatins, habituados só com a nossa gente - morena e de cabelos pretos - estranhavam e desconheciam aquele claro e ruivo. Temeram talvez que fosse algum mangangá colossal, e para certificarem-se chamaram aquele piquete de amarelos.

Os mangangás, para começar o exame, puseram-se a passear sobre a cara do adormecido; fizeram-lhe cócegas no nariz: ele soprou-lhes; mexeram-lhe nas barbas: ele abanou-os com mão incerta...

Eu estava pasmo, apreciando a inteligência daqueles insetos ... quando o pau a que achava-me encostado estalou ... faltando-me o apoio quase cai..., e as ramas, violentamente sacudidas, bateram nos marimbondos...

Camoatins e mangangás viram-me, conheceram que eu era patrício - pela cor e pelos cabelos - e caíram-me em cima como uma chuva batida do vento!

Nessa emergência, com o sangue frio que nunca me abandona, corri para a fogueira que havia feito, e onde, por boa sorte, na ocasião, fervia a água que eu trouxera, para chimarrão.

Agarrei a chaleira, destampeei-a, meti dentro a bomba do mate, e chupando grandes goles de água fervente, tornava logo a expeli-los, pela própria bombinha, com força, em forma de chuveiro regador; assim arranjei uma verdadeira defesa de água quente contra aquele horrível ataque.

Esta manobra deu-me uma ligeira folga, que aproveitei soprando o fogo até puxar labareda e atirando-lhe em cima umas braçadas de gravetos e ramas, que logo incendiaram-se, produzindo uma fumaçada espessa. Era tempo...

Quando o bicharedo voltou à carga, já topou com a parede de fumaça. Então apanhei mais umas ervas secas, preendi-lhes fogo e corri em socorro do homem ruivo, que dormia ainda.

Acordei-o a gritos e vim-no trazendo são e salvo, dentro da fumaça, cercados ambos por uma muralha viva de camoatins e mangangás enfurecidos...

E entre o fatigante trabalho de arranjar faxina para manter a fumaceira, que seria a nossa garantia única contra os ferrões daqueles marimbondos, suando em bica, espinhados, com fome e com sede, fui explicando ao companheiro o perigo a que ele escapara, graças a mim, e de que não me escapei eu, graças a ele...

O alemão - era alemão, o ruivo - agradecia comovido.

Labutamos toda a tarde; ao escurecer, foi abrandando o ataque, e por fim só noite fechada conseguimos retirar.

Pensei então em levantar os tatus que havia morto e ao mesmo tempo tomar o meu casaco e poncho-pala, que havia estendido ali perto, nuns galhos.

Caso esquisito!... Os tatus mortos, uns quinze, mal lhe toquei, desfizeram-se por completo... estavam reduzidos a farelos, de tantas ferroadas que levaram; o pala e o casaco, esses, então (periga, mas é verdade o alemão viu tão bem como eu!) o casaco e o pala, ia pegá-los e eles desfaziam-se; tocava-lhes, eles esfarinhavam-se; sacudi o galho, desfizeram-se em pedacinhos, como um bolinho de polvilho; como cinza! ...

Atinei, então.

Os marimbondos, não podendo ferretar-me e ao alemão, por causa da fumaça, em vingança estragaram a caça e a roupa.

O alemão, esse, estava apavorado!

- "Pichiches prapes, hein, Romualte! .. dizia ele.

XX - OITENTA E SETE

Quando fui ao Amazonas expressamente para preparar terreno para um negócio de tartaruga em grande escala, negócio que, de ótimo, tornou-se péssimo, por causa dos jacarés... a minha viagem foi cheia de acontecimentos curiosos, nada vulgares, os quais para um sujeito impressionável seriam obra de mau agouro ...

Viagem assim, dá-se uma vez na vida, outra na morte... mas dá-se.

Fui em barco a vapor, de rodas; e como ia muito bem recomendado ao capitão do navio, fui sempre tratado à vela de libra. Dispensei, sim, a cama de bordo, para dormir sobre o meu costumado colchão de couros de onças, todos com as suas cabeças e garras. Estes couros, como se sabe, são muito magnéticos, e, no mar, livram do raio; em terra, espantam as pulgas, e, no mato, servem de vigia, contra as feras.

Logo ao suspender ferro, correu a bordo a voz tremida de terror, de que um dos passageiros era um famoso bandido, matador feroz de gente pacata, incendiário, saqueador...

E, realmente, um senhor indivíduo que embarcara à última hora, sorrateiramente, tinha toda a traça da maldade e do crime: enormes cicatrizes de talhos, desfiguravam-lhe o rosto; uma larga peladura, de bala, raiava-lhe a cabeça; todos os dentes molares, quebrados, e, nas costas, ainda aberta, uma grande chaga parecendo de

queimadura.

Conservava na cintura um par de pistolas, de cano montado, carregadas, bem como um bruto facão, largo e afiado.

E tomava-se o indivíduo ainda mais suspeito porque estava embuçado em um amplo capote, que vinha-lhe até os pés, e completamente abotoado; no pescoço um cachênê de lã, e, na cabeça, um chapéu desabado sobre os olhos, o que tudo tapava-lhe do rosto, de forma que ninguém podia ver-lhe as feições.

O comandante e eu ficamos logo alertas, para o que desse e viesse, em defesa dos outros passageiros, ameaçados, medrosos ou inquietos, com justa razão.

O barco largou.

Ao sair o vapor a barra, debaixo de borrasca, mar desfeito em ondas colossais, nenhum passageiro resistiu; fugiram para as camarinhas, enjoados.

Eu, fiquei.

Acredito que por ser muito pitador de fumo de naco, forte, sem me sentir tonto, creio que por isso não enjoei.

Os que sofrem do enjôo do mar, principalmente as senhoras, bem podem ensaiar esse tratamento: pouco custa experimentar.

O navio subia na crista das ondas... adernava... parecia afundar-se no abismo, virar-se de quilha para cima! ... mas lá aprumava-se, e seguia avante, batendo as rodas com fragor.

O capitão assestava o óculo para o mar largo, cheirava o ar, sorria-se; e afinal disse-me, esfregando as mãos;

- Que sorte! Que fortuna! Que viajão vamos ter...

Quem não sabe é como quem não vê! O que parecia-me uma loucura, sair com tal tempo, era, ao contrário, uma bela esperteza do comandante: é que, à vista da barra, passava nadando para o norte uma colossal manta de tainha, cuja morrinha (de peixe cru) sentia-se então, fortíssima.

É mais que sabido que uma manta de tainhas, quando é grande, de conta redonda, como se diz, quebra as vagas, aplanas as águas, torna o espaço de mar por ela ocupado perfeitamente manso. Navio que tem a sorte de poder meter-se no centro de uma dessas mantas, voga sereno, como em mar de rosas, ainda que ao largo estoure a tempestade, encapele-se o mar, revoltó!

Pois tal manobra e marcha desenvolveu O vapor, que quando sentimos estávamos dentro da manta das tainhas, e navegando sossegados, como em água de rio.

Realmente, é... muito cômodo!

Aquele imenso cardume de milhões de tainhas formava como que uma ilha misteriosa, que se movia, de corrida, à flor d'água, marchando sempre a rumo certo, que, por acaso, era o nosso.

Ao longe sobre as beiradas da manta, pelo óculo de bordo, via-se a arrebentação do mar, fazendo ressaca, espumando e espraiando-se, violentamente, como sobre uma praia de areia.

Durante todo o resto da semana, ao almoço e ao jantar, tivemos tainha fresca; e a bordo ainda salgaram muita.

E se durante mais dias não navegamos dentro da manta foi por causa da voracidade dos próprios peixes.

Assim:

As rodas do vapor não batiam n'água... não é exagero! Moviam-se dentro da massa compacta das tainhas, que nadavam aglomeradas; e, assim, é claro, esmagavam, matavam, tonteavam milhares e milhares delas; e tanto que essas morriam, as outras devoravam-as. e esta carniça foi estabelecendo a desordem na manta. As tainhas que comiam ficavam pesadonas e preguiçosas e deixavam-se ficar para trás; as que não tinham comido... revoltavam-se - é o que parece - e começou então uma verdadeira batalha das tainhas entre si, que foram-se atirando umas às outras, tão depressa e tão vorazmente que, em pouco tempo, da manta só apenas restavam sobre as águas escamas e espinhas!

Certamente umas comeram as outras, e as outras comeram as outras...

Pra lá de Santa Catarina batemos numa baleia que provavelmente estava dormindo. Eu nunca vira semelhante animal; para espantá-la, a pedido do comandante, dei-lhe uns tiros sobre a cabeça; e sem querer meti-lhe todas as balas nos ouvidos; de forma que foi pior, porque ela ficou surda e não ouvia os apitos do vapor e os gritos que dávamos; o choque foi horrível; pensei que íamos a pique; felizmente o vapor tinha a proa muito esguia e o talha-mar muito afiado, e como apanhou a baleia em boa posição, bem a meio, cortou-a em duas metades; atoramo-la!...

Foi a nossa salvação.

Pelas alturas do Rio de Janeiro, sentimos o navio rodeado de tubarões; era um rebanho, ou manada, ou tropa, como quiserem dizer. Era uma - manta - de tubarões; fica bem assim?

Fiquei horrorizado da companhia dos tremendos devoradores, e atônito para explicar-me o porquê daquele cerco tão perigoso. O comandante porém, muito prático das cousas do mar - também era o que faltava! - tranqüilizou-me em dois tempos. Ora, é simplíssimo...

Quando as rodas do vapor esmagavam as tainhas, da trituração dos corpos foi resultando uma pasta ou massa ou mingauçada de gorduras, de carnes, de ovas das vítimas; esta pasta foi pegando, besuntando o casco do navio. Da passagem à força por entre as duas metades da baleia, resultou ainda, como se fosse de caiação, mais uma mão de azeite misturado com esparmacete... Ora, os tubarões são grandes comedores de tainhas e bebedores de azeite de baleia... e mal no fundo do mar sentiram o cheiro daquela marmelada.., vieram-se!

Porém como eles têm a boca debaixo do corpo e não na frente, como os outros animais, não podiam chuchar aquela rica pastalhada pegada no navio ... e que tanto os seduzia!

Assim fomos andando, como uma grande isca, levando a reboque a manta dos tubarões.

Vivendo.., e aprendendo!

Mais ou menos a meio do arquipélago dos Abrolhos, há dois caminhos a seguir: ou pelo mar largo ou pela costa; este encurta muito o trajeto, mas é muitíssimo perigoso, por causa dos arrecifes à flor d'água.

Porém o comandante do nosso vapor era extraordinariamente prático desses lugares, e de mais a mais tirou um partidão dos tubarões.

Foi assim:

Os bichos, sempre ao faro da marmelada de tainha pegada no navio, vinham coalhando o mar em roda: à frente, à popa, a bombordo e estibordo!

Qualquer guinada que desse o vapor, eles orçavam, acompanhando.

Quando o capitão meteu o navio nos arrecifes, o bando dos tubarões da frente foi servindo de guia; se eles paravam, o navio parava, recuavam, recuava; para a esquerda, para a esquerda; para a direita, para a direita!

Compreenderam? ...

Que capitão mitrado! Servia-se dos tubarões, tal qual como em terra um general serve-se de piquetes de cavalaria, na vanguarda. Tirei o meu chapéu: aquele golpe era de mestre!

Fizemos uma travessia absolutamente - ótima.

Quando estávamos próximos a sair daquele rendado de pedras, o capitão, sempre com o óculo nos tubarões da vanguarda, chamou-me a atenção para uma certa ilhota recoberta dumas esquisitas conchas, como de ostras, mas com um feitio especial, como de ninhos de pássaros. Julguei mesmo que fossem ninhos de gaivotas.

O comandante mandou tocar as máquinas devagarinho, para eu não perder nada do que ele queria mostrar-me. E disse-me:

- Olhe, Romualdo: o mar tem, por semelhança, todos os animais que há em terra: para o elefante, a baleia; para o tigre, o tubarão; para o cavalo, o boi, o cachorro - o cavalo-marinho, o peixe-boi, o lobo-do-mar. Para os pássaros, temos o peixe voador, e para os canários belgas, cantores, temos os canarinhos do mar, que é o que você vai agora ver e ouvir, naquele ilhéu.

Nisto o vapor deslizava em frente à ilha, e eu vi, patentemente visto, e ouvi, patentemente ouvido, com estes dois... e estes dois..., dois e dois que são quatro..., quatro que a terra há de comer... vi e ouvi, por todo o rochedo, dentro e empoleirados na borda das conchas abertas, uns peixinhos amarelos cor de ouro, muito espertinhos, dando saltinhos e cantando, cantando numa granizada de trilos e gorjeios, tão dobrados e garganteados, que efetivamente parecia um bando de canários que houvesse pousado sobre aquele rochedo! ... Eu estava maravilhado! O comandante afirmou-me ainda:

- Romualdo, para a maior sucuri de terra, a maior que você possa arranjar, temos a serpente do mar; para a cobra mais venenosa de terra, temos a cobra-farelo que, quando morde o pescador, o nadador, este se desfaz logo em miangos.

- Ah! atalhei eu: sobre cobras, fale comigo! Escute!

E ali, no quente, entupi-o com umas sete cobras ... digo, sete casos de cobras.

E a ilha dos peixes-canários sumiu-se no horizonte ...

O navio retomou a sua marcha a todo o vapor, e a tropa dos tubarões estendeu-se também, na carreira.

Dias passados, à hora da merenda, deu-se a bordo uma avaria grande, na máquina.

O vapor esguichava e assobiava, saindo em rolos, pelos buracos abertos: foi o pânico entre foguistas e maquinistas!

A minha habilidade de atirador procurou minorar o mal; fiz vários tiros, de bala, metendo, é certo, as balas, uma em cada buraco, mas foi fraco remédio, porque o calor do vapor era tão forte que derretia o chumbo dos projetis!

Então - para os grandes males, grandes remédios! - meti os dedos nos furos, tapando assim a perda do vapor, enquanto o comandante mandava, a toda a pressa, rebater novos arrebites, por dentro da caldeira.

Não fora o meu sangue-frio e sabe Deus que desastre se poderia dar!

Eu digo sempre: caçar onças é boa escola para aprender a não se assustar!

Desejando uma linda companheira de viagem possuir uma gaivota azul das que então voavam sobre e em torno do navio, senti-me pesaroso por não poder ser-lhe agradável, por falta de munição própria: pois somente trazia uma barrica de balas.

A gaivota azul é uma ave muito maciça, e se eu atirasse-lhe com bala reduzi-la-ia a pó.

Mas lembrei que podia das balas fazer um pouco de chumbo... era um pequena questão de algum trabalho e paciência.

Espetei uma faca afiada dentro de uma tina cheia d'água e comecei.

Carregava de bala a minha espingarda: apontava ao corte da faca, descarregava, e pronto; cortava a bala em duas metades, que caíam e esfriavam logo, dentro da água da tina.

Tornava a carregar, então já com as duas metades da bala; e novo tiro, e, zás! tinha os dois pedaços cortados em quatro; outro tiro com os quatro pedaços, e, zás! cortava-os em oito..., e assim, tiro a tiro, dividi uma mancha de balas a... chumbo miúdo.

Isto aconteceu; mas no dia seguinte não se avistou nenhuma gaivota cor-de-rosa.

Afinal, num domingo, chegava eu ao meu último porto, o de desembarque.

Pela primeira vez na travessia, o vapor largava âncoras, parava!

Corremos então um sério perigo: fomos rodeados pelos tubarões, a quererem ainda comer a pasta de tainha, que restava pegada ao casco do navio. Atiravam-se às trombadas, ou às marradas, contra o navio; julguei, mesmo, que pudessem abrir o cavername da embarcação..., mas, não, pobres! ... Eram os últimos arrancos da sua ferocidade, estavam cansados, estafados da viagem!

Atraídos e seduzidos pelo cheiro da pastalhada e danados por atirarem-se a ela, mas não tendo jeito para fazê-lo, por causa da marcha da embarcação, os tubarões haviam se esquecido de caçar outras comidas e também de dormir. E assim, em jejum e em claro por tantos dias e noites, à chegada, não puderam mais resistir à fraqueza, e com aquele último esforço foram morrendo, morrendo todos, com fundas olheiras e com as

badanas em carne viva, de tanto nadar, e inflamadas, do sal da água do mar..., tal qual como gente, quando caminha muito e fica estropeada, com os pés sangrando, inchados e doloridos.

Tomei cômodos no principal hotel da cidade.

Notei que as cercanias do estabelecimento estavam apinhadas de povo, como se se tratasse de algum acontecimento de monta. No salão do hotel ia uma lufa-lufa de gente que ria, que dava as mãos, fazia caras extravagantes.

Bastante curioso, chamei o patrão da casa e indaguei do que se tratava.

Ele então explicou:

- O Senhor não sabe, porque ignora. Aqui ao lado, no sobrado, reside um casal, gente benquista e muito dada. O marido é uma pérola ... a mulher uma jóia! Pois... de há três anos para cá, cada ano a senhora apresenta sinais infalíveis de gravidez; isto e aquilo ... e aquilooutro... que não enganam nem nunca enganaram nem marido nem mulher alguma....

O homem chamou um médico., dois, quatro, sete., dez médicos, em consultas, exames e conferências; e todos, ao mesmo tempo e a pés juntos, juraram, à fé do seu grau, que aquilo ... aquilo..., era mais que gravidez, era parto próximo. Até marcaram mês, lua e semana.

Pois... e nada! Os sinais certos, volume, etc, desapareceram!

Marido, mulher, sogros, doutores, comadres, parentes e conhecidos..., tudo pasmou!

E o caso passou, esqueceu.

Um ano depois ... a mesma cousa! Não havia dúvida: era, agora era mesmo!

O volume então, esse, era de duplo bojo...

Doutor houve então, que jurou que aquilo agora, ou era gravidez e parto próximo, ou então., ele queimava os livros e mandava a medicina às favas! ... E mais, que, a calcular pelo volume ... era de par de gêmeos para cima!

Novo alarme nas relações do casal; parabéns, presentes de roupinhas, promessas de missas, queima de velas bentas, etc. etc. Pois

Senhor... A sua graça?

- Romualdo, um seu criado.

- Obrigado, outro tanto. Pois, Sr. Romualdo, nada! Tudo passou, tudo voltou ao seu antigo natural...

- Com efeito, Senhor ... A sua graça?

- Figueiredo, um seu criado.

- Obrigado; outro tanto. Pois Sr. Figueiredo: é célebre!

- Muito célebre, Sr. Romualdo. Agora note: um ano depois, o terceiro portanto, que é este, o mesmíssimo sucesso se repete, está se dando, está impressionando a cidade, alarmando meio mundo!

A primeira vez, depois que tudo passou a senhora voltou a espartilhar-se, a passear, a ir a teatros e a bailes; a segunda vez., também tudo passou, desapareceu, alisou-se, voltou ao seu antigo natural... Mas agora ... ninguém sabe em que isto irá parar!

Desde que, aqui há meses, começou a correr a notícia da terceira gravidez... e o volume - compreende? - foi aumentando... aumentando... o marido, por precaução, chamou doutores, muitos, daqui, de fora, de longe.

Estou com o hotel abarrotado deles; já reparou?

O que ninguém dá é uma explicação do mistério.

- É celeberrimo, Figueiredo!

- Celebrrissimo, Romualdo!

As dores na doente seguiam o seu curso.

Uma noite, o dono do hotel, o Figueiredo, chamado às pressas para ajudar, lá foi. E veio logo chamar-me, a mim., O homem estava pálido, trêmulo de comoções.

- Romualdo, o Senhor já é pai, ajude-me a ajudar o vizinho! Estão-lhe nascendo os filhos, muitos ... uns atrás dos outros... É um cordão... não cessa! A um de fundo!

Saímos; fomos.

Como contar o caso?

Os doutores estavam a postos, alinhados, desde junto da doente, até muito para cá; e de um para o outro, de mão para mão, vinha passando criança sobre criança...

Era um colar, um rosário, uma enfiada de criancinhas, todas pegadinhas pelas mãozinhas!

E todas guinchavam, esperneavam, fortes e saudáveis, meninas e rapazes! ... Valente senhora!

Afinal cessou aquela ... descarga de crianças, que os doutores, de lanceta em punho, começaram a separar, pois, como disse, estavam presas umas às outras, pelas pontas dos dedos. E logo tratou-se de banhá-las e enfaixá-las como foi possível em toalhas, lençóis, camisas, porque as roupinhas não chegavam para todas. Depois arrumava-se tudo em ordem; o essencial agora era não deixá-las apanhar frio.

E, então, procedeu-se à contagem: eram oitenta e sete crianças!

Tudo chorava!

O pai...

A mãe...

A sogra...

Os doutores...

Eu...

Tudo chorava!

Como nenhuma das crianças tivesse morrido do mal dos sete dias, no oitavo fez-se o batizado geral. Funcionaram sete padres; além de outros senhores, todos nós, os que assistiram ao nascimento, fomos convidados para padrinhos, cada um dum pequenito.

Padrinhos, madrinhas, afilhados e amas... formavam uma procissão, salvo seja!

Como não sou abelhudo e nem me envolvo na vida alheia, não quis, no momento, dar a minha opinião sobre aquele sucesso; porém pelo que ouvi, esparso, e por informações vagas, dos antigos do lugar, cheguei a esta conclusão:

Nem a tataravó, nem a bisavó, nem a avó, nem a mãe daquela senhora, nunca tinham tido filhos; de forma que toda a fecundidade, toda a força familiar, tinha passado, acumulada, para a minha comadre... e assim se explica como veio ela, sozinha, a ter, duma só vez, todos os filhos que deviam ter vindo ao mundo repartidos em... pelo menos, cinco gerações!

O meu afilhadinho lá ficou com o meu nome, Romualdo. Era o mais bonito..., e olhem que é difícil ser o mais bonito entre oitenta e sete!

XXI - Algumas miudezas

Por vezes, em tropel, acodem-se as recordações; como sejam porém de cousas ligeiras, casos pequenos, sem maior importância, deslizo por eles. São fatos acontecidos de momento, num repente, e não como outros, em que houve circunstâncias especiais e mais longas. Por exemplo, dentre outros, recordo-me agora destes, que anoto apenas por descargo de consciência: aí vão eles!

A REDE

Havia três dias já, perseguíamos uma manada de cervos galheiros. Éramos vinte e tantos caçadores, com numerosa e especial cachorrada; a caçada ia bem dirigida por um sujeito muito prático. Como cada companheiro tinha de ficar na sua "espera" determinada, esse já se precatava com o aviamento necessário para passar o dia e a noite no mato. Tal havia que levava cama de vento, panela, louça, etc. Eu, que sou inimigo de bagagem pesada, montava em pêlo no meu cavalinho baio, o Gemada, e além das armas apenas levava uma rede, e mesmo assim, pequena, e os jornais da última semana. Na "espera" punha o Gemada à soa. fazia um foquiinho e armava a rede nos galhos de qualquer árvore e... pronto! ...

dormia regaladamente até o despertador bater.

Pois nessa tal caçada tive de mudar de "espera", por motivo de doença dum dos companheiros. Foi já à boca da noite, O dirigente da batida procurou-me, explicou o caso e pediu-me para ir o quanto antes, porque o lugar aquele, era certo de passagem do cervo, talvez até paradoro seu.

Lá fui; dei com a "espera"; fiz o meu fogueiro, amarrei o Gemada, e procurei uma árvore de ramas próprias para armar a rede. Fui de sorte: topei logo com uma galharada limpa, pontuda, cortada de jeito para o caso. Naturalmente fora o companheiro que preparara aquele ótimo cabide... Armei a rede, deitei-me, li os telegramas, soprei a vela e ferrei no sono.

Pela manhã... não lhes conto nada! Qual a minha surpresa, quando acordei-me abaixo de latidos e gritaria de ensurdecer!

Abro os olhos e vejo os companheiros, todos, em perseguição dum enorme cervo, um galheiro soberbíssimo, um cervo... o cervo que me conduzia!

Compreendi tudo, de relance: na véspera, no escuro, eu armara a rede nos galhos do cervo, que muito cansado da correria do dia, dormia a sono solto, e nem me pressentiu.

De madrugada, já refeito, levantou-se e foi andando, andando comigo na rede, dependurada nos chifres...

Quando a cachorrada farejou-o e saiu-lhe, o bicho disparou..., e os caçadores de atrás; porém como ele corria muito, nunca as balas chegaram-lhe a tempo... e foi isso a minha salvação. Então, gritei aos companheiros que esperassem... e pondo-me em pé, dentro da rede, saquei a faca e desnuquei o cervo, que caiu, redondo!

ONÇA ENFREADA

Isto passou-se em Minas Gerais, lá em cima, no Ribeirão das Gralhas.

Eu estava numas grotas, no fundo do mato grosso; tinha ido melar; era um dia muito quente. E tinha ido montado numa mula ruça, de boa marcha e muito mansa.

Cheguei, escolhi o ponto de parada, tirei o freio à mula e atei-a pelo cabresto, para ela ir roendo algum criciúma que por ali havia.

Era a pino do meio-dia...

Deu-me uma lombeira... uma preguiça... que não lhes digo nada! ... Peguei a cochilar.

Dormi. E anoiteceu. Escuro, como breu! E dentro do mato! Então..., só mesmo quem nunca viu o que é noite escura de mato..., o escuro é preto, o preto é negro, o negro e retinto...

De repente, mesmo pesado de sono, senti faro de perigo. Olhei, e vi, na minha frente, por entre as árvores, um grupo de bugres, ferozes, já de arco entesado e flecha pronta, fazendo pontaria sobre mim! ... Se o luar não fosse tão claro ainda, talvez eu pudesse esconder-me. Disfarcei, e fazendo que os não via, para os não alarmar, fui-me esgueirando para trás, recuando, devagarinho, de mansinho recuando..

Com o intento - é claro! - de cavalgar a mula e fugir, tive a cautela de passar a mão no freio..., os arreios que ficassem!..

Sempre recuando, e sem despregar os olhos dos bugres, de costas topei com um animal que respirava forte; e sempre sem me voltar, atento aos índios, passei-lhe a cana da rédea no pescoço, enfreei o animal, e quando, pelo tato, senti que estava pronto, montei-o de salto, cravei-lhe as esporas e dirigi a montaria, procurando a beirada do mato.

Nesse instante os bugres descarregaram os arcos ... as flechas ventaram em volta de mim ... mas era tarde - eu já estava fora do alvo!

Gesticulando, estorcendo-se, num alarido medonho, os selvagens saíram-me nas pisadas.

E eu, vá espora!...

Notei então que o animal era habilíssimo dentro do mato: não esbarrava nos troncos, não se enredava nos cipós, não tocava nos espinhos, saltava pedras, pulava buracos...; apenas, por vezes, junto aos paus grossos, entre-parava-se, fazendo menção de querer subir por eles acima ... Então, eu dava de rédea, e vá espora!

Enfim. ao clarear do dia. consegui chegar à aba do mato. sair para a várzea. que

era a salvação.

Apeei-me.. acendi o cigarro,... e quando puxava a primeira tragada, atirei-me pra trás, apavorado! ...

Eu havia enfreado uma onça!

Montei uma onça, nela havia fugido, na onça atravessei a floresta!

Pode parecer exagero; mas tudo se explica: enquanto eu dormia, a onça havia atacado e devorado a mula; os bugres, que isso viram, preparavam-se para flechar a fera e não a mim, como supus, e daí, a minha precipitação em fugir deles; e de costas e no escuro, julgando - de boa-fé - enfrear a mula, enfreei a onça e montei. Como nesse momento ela estivesse meio engasgada com um pedaço de carniça, não urrou, e, depois de enfreada, não pôde. E vai, como as esporadas doíam-lhe, ela obedeceu, disparou... e tanto, que os bugres perderam-nos de vista.

Mas, como dizia: apeei-me, e vendo a onça, fiquei apavorado: ... e ela, sentindo-se aliviada, também não esperou mais nada: miou de gato, e ganhou o mato!

A VARETA

Naquele tempo, as espingardas eram de carregar pela boca; o cartucho apareceu muito mais tarde. E por serem mais leves e mais baratas, eu só usava varetas de marmeleiro.

Uma vez, por esquecimento, depois de carregar a arma, deixei-lhe dentro a vareta.

De tarde, atirando a um bando de pombas que havia pousado sobre uma laranjeira, no tiro lá se foi a vareta.

As pombas - nem se pergunta, nem se duvida! - caíram todas, a chumbo.

Mas a vareta, essa ficou espetada no tronco da laranjeira e lá deixei-a ficar.

Pois no ano seguinte estava ela toda florida e cheia de botões... e no outro ano já deu marmelos, por sinal que bem graúdos.

A vareta tinha pegado, de enxerto.

O MEU CINTO DE COURO DE ANTA

Cousas fortes... cousas fortes ... Não, certos objetos não devem ser tão fortes que possam por isso vir a ser prejudiciais.

Eu me explico. Tive um cinto de couro de anta. Como se sabe, o couro de anta e um couro quase impossível de quebrar-se: é de uma resistência espantosa, rival do aço estirado.

Meu pai, durante cinqüenta anos, usou umas rédeas de couro de anta, couro por ele esfolado, e já as havia herdado de meu avo, que foi quem caçou o dito bicho, sozinho, e até sem cachorro; e eu usei-as ainda por muitos anos, pelo prazer de serem feitas do couro de um animal que eu mesmo havia morto; foi mesmo com uma dessas rédeas que amarrei o meu baio Gemada, à cauda de um tatu-rosqueira, o que custou a vida ao meu estimado cavalo... Parece-me que já falei nisso.

Pois o meu cinto, tirado do couro daquela mesma anta, e companheiro das rédeas, o meu cinto, digo, por forte, certa vez fez-me passar agonias... Andava em trabalho de campo, lidando com uma tourada de conta, cada bicho bem-criado, forte e bravo, que metia medo! Havia então um certo

touro brasino que era uma verdadeira fera, e foi justamente esse que tomou-me emburrância especial, creio que por causa do pêlo do cavalo que eu montava, que era vermelho. Por várias vezes ele atropelou-me de rijo; não andasse eu tão bem montado e seria colhido.

O tal era de raça franqueira, e tinha umas aspas abertas, quase de braça, cada uma, e grossas, na proporção.

Pois não lhes digo nada!

A última carga foi tão repentina, que eu só senti o perigo quando os companheiros gritaram. Assustados. Mal tive tempo de cravar as esporas no baio. que deu

dois saltos pra diante, mas - fatalidade! - para tropeçar e cair...

Com a minha calma habitual, saí perfeitamente, de pé; mas o touro vinha..., e no ímpeto em que vinha, com a chifrada armada, mal pude dar um passo à frente...

Ele baixou a cabeça, dando a tremenda marrada, e quando levantou a chifrada, esta resvalou por cima do cavalo e veio colher-me a mim, ainda de costas, certo, perfeitamente certo, entre o cinto e o corpo, nem mais nem menos; e, assim, fiquei dependurado no chifre do touro, tal qual um par de calças, suspenso pela presilha, num cabide... Que situação!

Por causa do peso do corpo, eu não podia desafivelar o cinto, e soltar-me; na posição em que estava, de costas, não podia fazer finca-pé e alçar-me acima do chifre e desengatar-me ...

E o touro disparou para o banhado levando-me dependurado, a dar com as pernas e os braços, como um boneco de cata-vento...

Os companheiros, que estavam de cavalos cansados, não puderam socorrer-me e perderam-me de vista...

O touro meteu-se banhado adentro, para a sua querência.

Curti sofrimentos!

Fiquei sabendo falar de cadeira sobre o micuim, mosquito ruivo e mutuca parda... sobre espinho de gravatá e serrilha de tiririca... sobre camoatim e formiga vermelha!

À custa de muito esforço consegui, movendo-me, torcendo-me, ajeitando-me, consegui firmar um pé no cachaço do touro e melhorar a posição, sentado naquele estranho banco..., sem encosto... Mas sempre foi um meio alívio.

Escureceu; como é fácil de imaginar, tive insônia. Amanheceu; e eu, como é fácil de imaginar, contrariado, por não poder ao menos lavar o rosto e pentear-me, como de costume...

O touro, parece que nem sentia o meu peso; andava, pastava, remoia, mugia, farejava as vacas e acariciava os terneiros - seus filhos, provavelmente - sem mostrar que eu pesasse mais que uma palha seca...

Lá pelas tantas da segunda tarde, encontrou-se ele com outro touro. Berraram, ambos; escarvaram, rodearam um pelo outro, em desafio, e, de repente... - questão de ciumada - de repente, atiraram-se, em briga de morte, como duas feras, que eram.

E eu, de testemunha obrigada!

Ah! meu amigo!

Me vi morto, esmagado, esborrachado entre aquelas duas cabeças duras ... esborrachado, estripado, entre aqueles quatro chifres pontudos! ...

Morto! ... Morto! ... Morto! ...

Pois ... não, senhor: justo, justo, quando se chocaram as duas brutas testas numa marrada formidável, capaz de esfarinhar uma pedra..., justo, justo, aí... quando, brrr! ... eu ia morrer, aplinado, chato, quebrou-se o dente da fivela do cinto, que, pois, desprendeuse, e eu caí ao chão, solto, livre enfim, e disparei rua fora, e quebrei a primeira esquina, sem olhar pra trás! ...

Esquecia-me de dizer que durante esses dias de fome sustentei-me de araçás, que havia muito, no tal banhado.

Pois é... se não fosse o dente da fivela quebrar-se, o meu cinto de couro de anta, por bom demais, matava-me, olé, se matava!...

UM TALHO

Uma, tive-a eu, e creio que outra faca igual não apareça. Deu-ma o compadre Mingote Pereira, infelizmente já falecido; Deus lhe fale n'alma! ...

Era - a faca - de têmpera muito dura, mas depois de agarrar corte, admirável: podia se atirar para o ar um fio de teia de aranha, que antes dele cair a faca cortava-o quantas vezes se quisesse..., tendo boa vista!

Um dia, na casa da sogra do dito meu compadre Mingote houve uma jantarola.

Corria bem a festa, quando apareceu uma travessa com - grande como um galo - uma bela galinha assada, de forno. E como naquele tempo era de uso, um dos convidados, mais habilitado, tinha de trinchar a ave.

A sogra convidou o Mingote.

O meu compadre levantou-se, colocou na sua frente a galinha, e armado do garfo grande e do trinchante afiado, começou a trabalhar.

E a querer espetar o garfo., a querer fincar a galinha... deu-lhe uns pontacos com o trinchante, para abrir brecha onde cravasse o tridente.

Mas, por seguro, a galinha era velha, como a sogra do compadre, e dura e lisa como chifre!

O compadre Mingote, já vermelho, tremendo no nariz, lidava, lidava..., e não espetava!

A sogra, de lá da cabeceira, resmungou:

Oh! homem! ... nada?

O compadre respondeu: Já vai! ... E firmou o garfo a todo o muque, como quem crava uma estaca, a pulso!

Mas a galinha agüentou a estocada; e conforme o garfo bateu-lhe no costado... escorregou, e furo o prato e cravou-se na tábua da mesa e espirrou molho gordo, como chuva...; a galinha saltou pra diante, como bala, e derrubando copos, garrafas e compoteiras, bateu sobre o ombro da sogra do Mingote, ricochetou para a parede, sobre o relógio, cujo maquinismo achatou; daí para a janela, quebrando-lhe os caixilhos e caindo no pátio, derreou uma porca macau, matando-lhe três leitões; virou um gongá onde estava uma perua, no choco, afinal foi bater no tampo da pipa d'água, que aluiu!

Se fosse gente, era o caso de dizer-se: vá ser dura pra o inferno!

Imagine-se o alvoroço! ... Um criado trouxe novamente a galinha, não para ser comida, é claro, mas para ser vista, admirada, examinada.

Foi então que a sogra do Mingote censurou-o por não se haver servido da minha faca; e gabou-a. Duvidaram; então, para dar a todos uma pequena prova, ajeitei a galinha e a meio dela descarreguei um golpe.

Que talho! Foi como em manteiga: cortei a meio a galinha, o prato, a mesa; atorei pelo joelho a perna do vizinho da esquerda, o pé da cadeira onde ele sentava-se, a tábua do assoalho e o barrote!

O talho não foi adiante por falta de braço!

Que talho!

.....
Findava aqui o calhamaço de que a princípio se falou, quando disse que o recebi em certa hora de pleno dezembro, por véspera de Natal, quando eu estava, desesperado, a abanar mosquitos, etc. etc. Findava aqui, no caso deste talho. Apenas, ao canto da página, a lápis, havia ainda uns dizeres que custei a decifrar, e que afinal eram estes: o 2º volume será o dos "Sonhos do Romualdo".

Durmamos, pois, e vamos sonhar também...